

**CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ
CURSO DE PSICOLOGIA**

**ALINE GUERRA DELMONACO
KARINA CAMILLO BORGES
TATIANE DE LIMA SALES**

**VIVÊNCIAS DE MÃES DE ESTUDANTES NO ENSINO FUNDAMENTAL EM
MEIO REMOTO, DURANTE O ISOLAMENTO SOCIAL DA PANDEMIA COVID-
19: UMA ANÁLISE COMPREENSIVA DOS IMPACTOS EXISTENCIAIS**

Ribeirão Preto

2021

**ALINE GUERRA DELMONACO
KARINA CAMILLO BORGES
TATIANE DE LIMA SALES**

**VIVÊNCIAS DE MÃES DE ESTUDANTES NO ENSINO FUNDAMENTAL EM
MEIO REMOTO, DURANTE O ISOLAMENTO SOCIAL DA PANDEMIA COVID-
19: UMA ANÁLISE COMPREENSIVA DOS IMPACTOS EXISTENCIAIS**

Texto apresentado ao curso de
Psicologia, como parte obrigatória dos
requisitos para obtenção do título de
bacharel em Psicologia pelo Centro
Universitário Barão de Mauá

Orientadora: Profa. Dra. Martha Ethel
Steytler

**Ribeirão Preto
2021**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

V842

Vivências de mães de estudantes no ensino fundamental em meio remoto, durante o isolamento social da pandemia covid-19: uma análise compreensiva dos impactos existenciais/Aline Guerra Delmonaco; Karina Camillo Borges; Tatiane de Lima Sales - Ribeirão Preto, 2021.

57p.il

Trabalho de conclusão do curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá

Orientador: Dra. Martha Ethel Steytler

1. Mães 2. Impactos 3. Ensino I. Delmonaco, Aline Guerra II. Borges, Karina Camillo III. Sales, Tatiane de Lima IV. Steytler, Martha Ethel V. Título

CDU 159.9

Bibliotecária Responsável: Iandra M. H. Fernandes CRB⁸ 9878

ALINE GUERRA DELMONACO

KARINA CAMILLO BORGES

TATIANE DE LIMA SALES

**VIVÊNCIAS DE MÃES DE ESTUDANTES NO ENSINO FUNDAMENTAL EM
MEIO REMOTO, DURANTE O ISOLAMENTO SOCIAL DA PANDEMIA COVID-
19: UMA ANÁLISE COMPREENSIVA DOS IMPACTOS EXISTENCIAIS**

Texto apresentado ao curso de Psicologia,
como parte obrigatória dos requisitos para
obtenção do título de bacharel em
Psicologia pelo Centro Universitário Barão
de Mauá

Data da aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra Martha Ethel Steytler
Centro Universitário Barão de Mauá

Prof. Me Felipe de Souza Areco
Centro Universitário Barão de Mauá

Prof.^a Ms Marina Candiani Meles
Centro Universitário Barão de Mauá

Ribeirão Preto

2021

AGRADECIMENTOS

À nossa orientadora Profa. Dra. Martha Ethel Steytler, que nos ensinou muito nesse percurso, viabilizando a concretização desse sonho!

Aos queridos mestres Felipe de Souza Areco e Marina Candiani Meles, pelos quais temos muito carinho e admiração, especialmente por aceitarem nosso convite para fazer parte da banca examinadora deste trabalho.

Às mães que participaram das entrevistas e disponibilizaram seu tempo para compartilhar cada vivência singular.

Um agradecimento em especial a esse trio pela dedicação e comprometimento com a pesquisa, que foi determinante para chegarmos ao final. Gratidão por essa parceria, respeito e paciência que sustentamos nesse percurso, umas com as outras.

Muito obrigada a todos vocês!

RESUMO

As transformações decorrentes do avanço da COVID-19, provocaram diversas mudanças que atingiram a área educacional, e conseqüentemente, conduziram à indicação explícita de distanciamento social e implementação de medidas de higiene e segurança. Assim, as aulas presenciais foram suspensas, o que levou à adesão do ensino remoto, e implicou em mudanças significativas no âmbito doméstico, como a adaptação do espaço físico, planejamento e rotina, inclusive das mães. O objetivo desta pesquisa centrou-se na compreensão de como as mães foram impactadas existencialmente depois que o ambiente escolar de seu(s) filho(s) passou a ser em casa, considerando, dessa forma, as mudanças na relação dela mesma, com a família e sociedade. Nessa perspectiva, a pesquisa foi elaborada pelo método fenomenológico, a partir da questão norteadora: “Como tem sido sua experiência de estar com seu filho em casa no período em que ele habitualmente estaria na escola?”. Buscou-se compreender os fenômenos existenciais vivenciados pelas mães, resultado das mudanças e adaptações da escola para o espaço familiar, além do novo papel que as mães se apropriaram, os sentimentos envolvidos e outros diversos impactos existenciais que surgiram nesse contexto.

Palavras-chave: Mães. Impactos. Ensino. Pandemia. Fenomenologia.

ABSTRACT

The transformations resulting from the advance of COVID-19 caused several changes that affected the educational area and, consequently, led to the explicit indication of social distancing and the implementation of hygiene and safety measures. Thus, in-person classes were suspended, leading to adherence to remote education, which implied significant changes in the domestic environment, such as the adaptation of the physical space, planning and routine, including for mothers. The objective of this research is to understand how mothers were existentially impacted after their child(ren)'s school environment became their home, thus considering the changes in their relationship with the family and society. From this perspective, the research was developed using the phenomenological method, based on the guiding question: "What has been your experience of being with your child at home during the period when he would normally be at school?". We sought to understand the existential phenomena experienced by mothers, resulting in changes and adaptations from the school to the family space, the new role that mothers have appropriated, the feelings involved and other diverse existential impacts that emerged in this context.

Keywords: Mothers. Impacts. Teaching. Pandemic. Phenomenology.

SUMÁRIO

PALAVRAS INICIAIS	9
1 INTRODUÇÃO	11
1.1 A educação e cidadania	12
1.2 Direito da criança à escola no momento de pandemia	14
1.3 A reinvenção da escola no contexto da pandemia	16
1.4 Mulher e as múltiplas tarefas	18
2 JUSTIFICATIVA	199
3 OBJETIVOS	20
3.1 Objetivo geral	20
3.2 Objetivo específico	20
4 MÉTODO	21
4.1 Procedimento de análise de dados	24
4.2 Participantes	25
4.3 Uma aproximação das entrevistas	25
5 RESULTADOS: VIVÊNCIAS DAS MÃES QUE ACOMPANHARAM SEUS FILHOS NO ENSINO REMOTO DURANTE A PANDEMIA	28
5.1 A escola em casa: adaptações e mudança	28
5.2 O novo papel da mãe	29
5.3 Os sentimentos envolvidos	30
5.4 Os impactos existenciais	31
6 DISCUSSÃO: IMPACTOS EXISTENCIAIS DA ESCOLA REMOTA	33
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	43
ANEXOS	47
ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE	47
ANEXO B - Termo de Compromisso do Pesquisador	50
ANEXO C – Parecer Consubstanciado do CEP	52

PALAVRAS INICIAIS

A ideia de escrever sobre essa temática foi trazida por uma das autoras que, a princípio, gostaria de estudar algo que tivesse relação com o sentido. Foram levantadas algumas hipóteses com as demais componentes do grupo como: sentido do sentido, o sentido de estudar psicologia, o sentido do trabalho e os impactos desses sentidos na vida das pessoas.

Considerando as diferentes abordagens possíveis na psicologia e o direcionamento da temática a ser estudada na pesquisa, as autoras escolheram a abordagem fenomenológica como especialidade para embasamento teórico e convidaram a professora especializada em fenomenologia para orientação da pesquisa.

Durante os debates de ideias das autoras e da professora, decidiu-se estudar algo relacionado ao sentido da vida, e então houveram indicações de leituras de artigos relacionados à ideia proposta, visando aproximação inicial com a temática na abordagem fenomenológica. Dada a complexidade dos textos, dificuldade na compreensão e escassez de tempo hábil, optaram então por mudar o rumo da pesquisa.

Considerando o fenômeno que estamos vivemos como atípico e diferente, as autoras decidiram estudar algo relacionado aos impactos da COVID-19 e então começaram a estruturar novos caminhos, até a chegarem a uma definição final da temática, onde foi elaborada a possibilidade de pesquisarem as dificuldades e adaptação de alunos do ensino fundamental em meio remoto durante o isolamento da pandemia de COVID-19.

A partir daí as autoras optaram por investigar e compreender as vivências das mães de alunos do ensino fundamental I e II em escola particular em contexto de ensino remoto, ou seja, identificar os impactos da escola em casa e na vida dessas mães.

Finalizada a escolha do tema, chegou-se à proposta do título: “Vivência de mães de estudantes no ensino fundamental em meio remoto, durante o isolamento social da pandemia de COVID-19”. Desse modo, as autoras se interessaram em compreender os impactos existenciais do ensino remoto em casa e na vida dessas mães envolvidas diretamente no ensino de seu(s) filho(s).

Iniciada a pesquisa, não foi encontrado nenhuma produção específica sobre o tema, o que se constituiu como uma das motivações para a realização deste estudo, visando contribuir com a ciência e a pesquisa.

Sem imaginar quais tipos de impactos poderiam ser desvelados, foi necessário que as autoras estivessem abertas ao que poderia aparecer a cada entrevista, e assim, o trabalho foi

se compoñdo através do levantamento e análise dos dados, constituídos pelas vivências relatadas pelas mães nas entrevistas a partir da abordagem fenomenológica.

1 INTRODUÇÃO

Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2021a), o coronavírus é uma grande família de vírus encontrado em animais. Porém, em 2019, na cidade de Wuhan na China, foi identificado o vírus em pessoas, denominado SARS-CoV-2, sendo disseminado e transmitido de pessoa a pessoa, causando a doença chamada COVID-19. Essa infecção pode variar de quadros assintomáticos à quadros graves, sendo transmitido por contato próximo, por meio de objeto contaminado, toque, aperto de mão, gotículas de saliva, espirro e tosse. Atualmente, a recomendação para prevenção da doença é higienizar as mãos e os objetos utilizados com frequência, além da utilização de máscaras que cubram o nariz e a boca, e distanciamento social.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (2020), a maioria (cerca de 80%) dos pacientes com COVID-19 podem ser assintomáticos ou oligossintomáticos (poucos sintomas), e aproximadamente 20% dos casos detectados requer atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória, dos quais aproximadamente 5% podem necessitar de suporte ventilatório.

Para a Fundação Oswaldo Cruz (2020) do ponto de vista genético, a COVID-19 faz parte de uma família de vírus conhecida, que inclui outros vírus capazes de provocar doenças nos seres humanos e nos animais. Pesquisadores chineses identificaram que o novo vírus é originário de morcegos, assim como a maioria dos outros coronavírus. É sabido atualmente que houve o fenômeno de “transbordamento zoonótico”, comum à maioria dos vírus, que fez com que um coronavírus que acomete morcegos sofresse uma mutação e passasse a infectar humanos. As pesquisas concluem que essa mutação foi um processo natural e não induzido pelo homem.

Segundo a Fundação Oswaldo Cruz (2020), os cuidados e procedimentos em relação à doença vão mudando de acordo com a dinamicidade da origem e infecção do vírus em diferentes indivíduos e grupos. Nesse contexto atípico e incerto estão sendo criados meios de proteção dos indivíduos tais como o uso obrigatório de máscaras, a higienização das mãos e o distanciamento social.

As aulas presenciais das escolas, desde a educação infantil à universidade, foram suspensas e dada rapidez da paralisação, houve uma rápida alternativa para levar adiante as atividades de ensino: a educação remota passou a ser apontada como solução viável e a escola

foi transferida para dentro de casa, sem considerar as condições de alunos, professores e familiares para essa mudança.

Em meio à crise, foi necessário que as escolas encontrassem um novo caminho para dar continuidade ao ensino: a adesão do uso de plataformas *online* e do ensino remoto e, posteriormente, a implantação do modo híbrido, que foi adotado por muitas instituições, se transformando na atual solução.

No cenário ainda recente de inúmeras transformações em função da pandemia, as crianças foram afetadas pelo fechamento das escolas e junto com elas, cada família precisou descobrir uma nova fórmula para lidar com essa situação, que é prorrogado há mais de um ano.

1.1 A educação e cidadania

O direito à educação foi consolidado na Constituição Federal em 1988, no artigo 206, que determina que o ensino deve ser ministrado com base no princípio da igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; e ainda, a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber, além do pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas e coexistentes de instituições públicas e privadas de ensino (BRASIL, 1988).

Da mesma forma, no artigo 208 da Constituição Federal, o dever do Estado no âmbito da educação é efetivado mediante a garantia do ensino fundamental, obrigatório e gratuito. Atualmente, a escola é essencial para a constituição do sujeito em uma sociedade, sendo ela, uma instituição social, responsável pela formação do indivíduo (BRASIL, 1998).

Segundo Teixeira (2016), a educação é necessária para o desenvolvimento e progresso do indivíduo. Desde a Idade Média, a educação tem o intuito de formar indivíduos conscientes, considerando seu papel político, histórico e social. Posteriormente, na Revolução Industrial, a visão acerca da educação é modificada. Nesse recorte histórico, se estabelece a educação do indivíduo tomando como foco a formação do trabalho, considerando-se nesse momento o desenvolvimento científico, social e tecnológico.

Esses desenvolvimentos científico e tecnológico são questões que demandam uma maior interação das pessoas, atribuído pelo processo de globalização e consolidação da democracia, encontrada em plena evolução social humana (VITTORAZZI, 2020). Essa evolução é observada no âmbito educativo, e tem como perspectiva a formação e transformação social. Contudo, fazendo parte do desenvolvimento do sujeito, “um novo paradigma do

conhecimento está surgindo das interfaces e das novas conexões que se formam entre saberes outrora isolados e partidos e dos encontros da subjetividade humana com o cotidiano, o social, o cultural” (MANTOAN, 2003, p.12). A educação, nesse sentido, é integrada à cidadania, e esta está em constante mudança, acompanhando as mutações históricas.

Entre as atividades relacionadas à educação, inclui-se, como indicado, a cidadania que tem se desenvolvido no decorrer da História sob os aspectos histórico, político e jurídico, e é considerada como a possibilidade de intervir e participar das decisões do Estado. Como a educação, seu exercício foi ampliado com o desenvolvimento social. (TEIXEIRA, 2016, p. 12)

O presente estudo toma como eixo central e campo privilegiado de análise o ensino fundamental. É válido destacar que nesta fase de ensino, as relações sociais e desenvolvimento da identidade são determinantes, o que reflete diretamente na construção da cidadania. Entre várias definições encontradas de cidadania, utiliza-se nesse contexto, a ideia desta como um conceito “definido como um conjunto de direitos e deveres que os sujeitos possuem em uma sociedade. Tal concepção de cidadania está relacionada à ideia de um posicionamento jurídico-legal diante do Estado” (CASTRO; MONTEIRO, 2008, p. 274).

Na faixa etária de seis a quinze anos, as crianças passam boa parte do dia na escola, e começam a se dar conta dos papéis e competências que passam a assumir, que fazem parte da sua cultura. A criança é modelada por esse período escolar e pelo tempo que passa com a família. Nessa fase, eles são influenciados pela vizinhança, pela circunstância econômica, pela qualidade da relação com os pais, pelo apoio emocional, entre outros fatores (BEE, 1997).

As experiências nesses espaços são fundamentais para as crianças aprenderem habilidades sociais e a ter boas relações com os colegas. Ao mesmo tempo, precisam assumir a mudança constante que ocorre no corpo. Nesse estágio da idade escolar, ocorre um expressivo desenvolvimento físico e cognitivo, e, além disso, padrões e hábitos estabelecidos durante esse período afetam não apenas a experiência da adolescência, mas também a vida adulta (BEE, 1997).

Estudos reconhecem que a escola é uma instituição de grande importância para a construção e o desenvolvimento da cidadania. A autora apresenta a escola como um espaço de construção de sujeitos sociais ativos. Ela aponta que “é papel da escola propiciar aos indivíduos a possibilidade de serem atores, de respeito à liberdade do outro, dos direitos individuais, da defesa dos interesses sociais e dos valores culturais” (LINO, 2013, p. 137). Contudo, esses indivíduos, futuramente, exercerão a cidadania, sendo construtores ativos da sociedade. Ser cidadão compõe a experiência existencial na contemporaneidade.

Além da importância da educação, outro fator fundamental para a cidadania é a família. A interação e integração entre elas, atuam diretamente no desempenho e desenvolvimento da criança e do adolescente. Observa-se assim, que o primeiro ambiente socializador é o ambiente familiar (BEE, 1997).

A primeira instituição social é a família, como instituição socializadora. É imprescindível que no âmbito familiar ensine o conhecimento denominado formal, que são essenciais para a atuação na sociedade. Valores éticos e morais são desenvolvidos, além de outras formas de conhecimento (FIRMAN; RAMOS; SANTANA, 2015).

A escola e a família se complementam, cada uma com suas características. Assim, considera-se uma parceria entre elas, variando em grau de comprometimento, e sendo atravessadas por vários fatores que influenciam cada uma delas. Os autores supracitados afirmam: “a família é uma instituição de domínio mais reservada, voltada ao acolhimento da criança com a promoção da individualidade e pertencimento. Já a escola tem domínio coletivo dos grupos” (FIRMAN; RAMOS; SANTANA, 2015, p.124).

Os mesmos autores relacionam o desempenho na escola com a participação da família. Há uma conjunção entre a escola e a família, de modo que elas se relacionam e formam uma interconexão entre os ambientes familiar e escolar, considerando que ambos têm o intuito de buscar a educação formativa da criança.

Quanto mais os pais demonstram interesse pela vida escolar de seus filhos, mais a educação dos mesmos, em termos de ambiente escolar, se torna eficiente. O contrário também é verdadeiro, pois quanto maiores são as possibilidades em si de aprendizagem pela criança, maiores serão os conhecimentos que ela pode construir e, conseqüentemente, melhores e maiores serão os mecanismos de relacionamento no ambiente familiar (FIRMAN; RAMOS; SANTANA, 2020, p. 124).

Essa interação entre a escola e a família, tem como consequência bons resultados na formação para a cidadania e na manutenção da saúde existencial de crianças e adolescentes do ensino fundamental.

Para garantir o direito e dever na matrícula e convivência escolar, além da Constituição Federal, há também o respaldo da Constituição de 1996 (BRASIL, 2021c) em relação as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para que em conjunto com a família, se possibilite o desenvolvimento do indivíduo.

1.2 Direito da criança à escola no momento de pandemia

Segundo a Constituição de 1996 (BRASIL, 2021c), estabelecida pelas Diretrizes e Bases da Educação Nacional, as crianças brasileiras devem ser matriculadas na educação básica

a partir dos quatro anos de idade. Cabe aos pais e responsáveis atender a obrigatoriedade à matrícula e garantir a frequência escolar. O documento em vigor atualmente é um ajuste da Lei nº 9.394, que torna a oferta gratuita de educação básica obrigatória e gratuita a partir dos 4 anos de idade até os 17 anos, organizados entre a pré-escola, ensino fundamental e ensino médio.

A Constituição de 1996 (BRASIL, 2021c), menciona que três leis federais regulamentam a obrigatoriedade de matrícula: o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e o próprio Código Penal, mencionado no artigo 246. Nesse artigo, é definido como abandono intelectual do menor de idade, deixar, sem justa causa, de prever a instrução primária de filho em idade escolar, havendo previsão de pena de detenção de 15 dias a 1 mês ou multa.

Em relação a pandemia de COVID-19, esta é considerada uma situação nova que envolve a educação escolar, mas que ainda não há legislação própria e nem jurisprudência que atenda às novas demandas para este momento. O ano de 2020 surpreendeu em vários sentidos. O mundo globalizado do século XXI, encontra-se marcado pela pandemia da COVID-19 que parou a sociedade e impôs mudanças nas rotinas alterando o modo de trabalhar, estudar, cuidar da higiene e do ambiente doméstico entre outros impactos (GRISOTTI, 2020).

No Brasil em fevereiro de 2020, alguns casos de contaminação já haviam sido registrados. Na segunda quinzena do mês de março, houve a recomendação do Ministério da Saúde (BRASIL, 2021a) pela suspensão das aulas, bem como de diversas outras atividades, e ainda, a indicação explícita de distanciamento social.

O cenário escolar torna-se um espaço com alto grau de risco de transmissão da doença, por ser um ambiente onde há uma intensidade de relações e contato humano. Nesta perspectiva, professores e estudantes se tornam os principais vetores de transmissão da COVID-19, e diante disso as políticas mundiais de retorno às atividades coletivas têm deixado as escolas em último plano, conforme dados da UNESCO (2020).

O distanciamento social, considerado um importante meio de proteção contra a disseminação do vírus, alterou a rotina e os laços sociais dos indivíduos, sobretudo no âmbito escolar visto que desde o mês de março de 2020 foram adotadas medidas sanitárias de distanciamento social que impactaram diretamente os processos escolares e fecharam escolas e universidades (GRISOTTI, 2020).

A Fundação Oswaldo Cruz (2020), menciona que embora atinja toda a população e esteja disseminado entre as distintas classes sociais, a pandemia não afeta da mesma forma, pois, a desigualdade social amplia os prejuízos e sofrimentos provocados pela pandemia

afetando a possibilidade de acesso à saúde, ao trabalho, à alimentação, habitação, educação e tecnologia.

Na medida em que as escolas passaram a figurar como lugar de risco sanitário, o ensino remoto ganhou centralidade no debate sobre as alternativas para a continuidade da escolarização durante a vigência das medidas de distanciamento social. No entanto, o ensino remoto exige a participação de mães, pais e responsáveis na mediação do uso das tecnologias da informação e da comunicação, sobretudo nas séries iniciais (SILVA, 2021).

Arruda (2020) discute que as atividades escolares presenciais foram substituídas aos poucos por atividades virtuais e mais tarde adotou-se o ensino híbrido em diversas escolas. Essas medidas, entretanto, não promoveram o acesso a escolarização de qualidade durante a pandemia com equidade. A desigualdade social excluiu diversas crianças, adolescentes e jovens do acesso às alternativas ofertadas por algumas escolas e que exigem equipamentos, acesso à internet banda larga, espaço para estudo em casa, experiência com as tecnologias de informação e comunicação (TICs). Dessa forma, dependendo da região do país, do local de moradia e da classe social, a chance de continuidade dos estudos ou da manutenção do vínculo com as atividades escolares foi comprometida.

Grisotti (2020), aponta que ainda não podemos prever quando e se a pandemia irá acabar, mas sabemos que os processos educacionais estão sendo repensados, exigindo ampliar o debate democrático e participativo. Da mesma forma, evidencia-se a necessidade de ampliar os investimentos na educação sob pena de excluirmos um grande contingente de crianças e adolescentes da possibilidade de desenvolver e aprender.

Apesar de ser configurado como um problema sanitário mundial, o contexto educacional vivencia uma crise, que passa por um processo de reconfiguração de papéis diante da sociedade. Ou seja, o bloqueio do acesso à escola reconfigurou a sociedade, na medida em que tempos e movimentos foram desconstruídos, famílias passaram a combinarem as responsabilidades do trabalho e da vida dos estudantes em tempos ampliados (ARRUDA, 2020).

1.3 A reinvenção da escola no contexto da pandemia

As instituições educacionais se tornaram um dos espaços mais vulneráveis ao risco de transmissão da COVID-19. Para evitar o contágio e a propagação da doença, as escolas foram fechadas, e em função disto, o sistema educacional, teve que buscar alternativas para se

adaptar à nova realidade, e nesse sentido, a atividade remota emergencial, por meio do avanço tecnológico e de seus múltiplos recursos, tem sido considerada uma alternativa para atenuar os impactos (OLIVEIRA *et al.*, 2021).

Em virtude da pandemia de COVID-19, a escola precisou se reinventar em um novo formato de ensino, a maioria passou a realizar as aulas por meio de uma plataforma on-line, método também utilizado nos atendimentos às famílias. Nos primeiros meses de isolamento social (março/abril, 2020) quando as aulas foram suspensas, os professores tiveram que utilizar de diferentes materiais e métodos de gravações para disponibilizar as tarefas para os familiares darem continuidade as atividades escolares em casa para seus filhos (AZEVEDO *et al.*, 2021).

A tecnologia digital trouxe alternativas para suprir as aulas presenciais diante do cenário caótico da pandemia de COVID-19, assim o ensino remoto constitui a possibilidade, na educação, de mediação das práticas de ensino e aprendizado a partir de recursos de multimeios, o que possibilitou a continuidade das aulas (GUIZZO; MARCELLO; MULLER, 2020).

Na educação, o ensino remoto se apresenta como uma possibilidade para aliviar os efeitos da pandemia. É, portanto, uma ferramenta tecnológica que os professores podem utilizar para fins de aprendizagem a distância, e que permite uma metodologia de ensino inovador. Garante aos estudantes o acesso por meios de login e senha, em plataformas virtuais de ensino, como: *Zoom, Meet, Teams* e outros meios sociais, onde os professores podem compartilhar os conteúdos escolares e organizar as aulas com mais facilidade (SILVA *et al.*, 2021).

Silva *et al.* (2021), ressalta que ensino remoto não é o mesmo que o presencial, visto que o EAD é uma metodologia onde o professor está presente e interagindo com os alunos, entretanto, apresenta algumas dificuldades e desafios que acabam causando um enfraquecimento no aprendizado do aluno.

Segundo Moraes e colaboradores, “diante deste contexto pandêmico, inúmeras famílias precisaram adaptar abruptamente suas casas e seu cotidiano a fim de proporcionar um melhor ambiente de ensino para seus filhos” (MORAES *et al.*, 2021, p.312). Ou seja, foram necessárias inúmeras mudanças no ambiente familiar devido a essa adaptação.

Com o novo modelo de estudo a distância, os familiares passaram a ter uma relação de professor com seus filhos, tiveram que reaprender conteúdos esquecidos, e tiveram que aprender, ainda, a lidar com ferramentas digitais, como baixar conteúdo, acessar sites de bibliotecas, filmar atividades, tirar fotografias, fazer postagens que comprovassem a realização das atividades, dentre outros. Tendo em vista todas essas novas tarefas, foi preciso investir um

grande tempo de seus familiares e reestruturar a rotina, em razão das crianças e adolescentes passarem a estar em casa em período integral (GUIZZO; MARCELLO; MULLER, 2020).

Dessa forma, a família como um todo sofre o desdobramento e consequências da escola remota. “Portanto, a reinvenção do cotidiano diz respeito à resistência ao passado; adaptação de novas formas de viver no presente; e aceitação da incerteza do futuro” (GUIZZO; MARCELLO; MULLER, 2020, p.16).

1.4 Mulher e as múltiplas tarefas

Segundo Carvalho e Soares (2003), em tempos atuais a sociedade vem passando por grandes transformações nos modos de vida e nos papéis exercido pelas mulheres. Um dos cenários em que isso vem ocorrendo com grande intensidade é no contexto familiar. Os papéis sociais desempenhados pelas mulheres foram e são construídos e consolidados através da história, e são estabelecidos por padrões de comportamento que mudam ao longo dos tempos.

Na atualidade, a mulher tem assumido uma série de papéis que antes se alegava ser funções dos homens. Diante de várias mudanças não apenas para a rotina da mulher, mas também para seus projetos de vida e suas consequentes escolhas, uma das áreas em que é possível perceber o impacto importante em função da multiplicidade de papéis assumidos pela mulher, tem sido a maternidade pelo o excesso de responsabilidades e afazeres (BOECKEL; DELLAZZANA-ZANON; LOPES, 2014).

Ser mãe pode implicar dedicação e esquecimento de si no contexto social e pessoal. Os diversos afazeres podem fazer a mulher conviver com a culpa de não poder se dedicar plenamente em todas as suas atribuições como o cuidado com ela, com a casa e os filhos, mesmo que isso ocasione diversas funções e tarefas dentro e fora de casa, bem como o adoecimento físico e emocional por esse excesso de responsabilidades (FIORIN, 2012).

Para as autoras Costa, Loch e Torres (2021), a divisão das tarefas domésticas é quase sempre maior para as mulheres, pois geralmente são elas que ficam mais sobrecarregadas com os cuidados do lar e os filhos, e acabam tendo dupla jornada maior no trabalho e em casa. Já em relação ao homem, embora este trabalhe fora do lar, acaba por não desempenhar um número muito grande de atividades domésticas, nem despende do seu tempo com elas. Isso ocorre devido à naturalização da mulher em exercer a função dos cuidados com o lar e filhos.

2 JUSTIFICATIVA

Devido a pandemia da COVID-19, as escolas foram fechadas e as aulas presenciais foram suspensas. Assim, os alunos tiveram que aderir ao ensino remoto em casa por meio dos recursos tecnológicos.

O novo cenário de ensino e aprendizado exigiu uma grande reconfiguração no que diz respeito a como se dá o processo de ensino pelas vias remotas. Em meio a esse contexto, recaiu sobre os pais e responsáveis a necessidade de um maior acompanhamento e interação frente a nova rotina de estudos dos seus filhos. Além disso, exigiu uma nova maneira de conexão entre a rotina familiar e a rotina escolar.

Tendo em vista o atual cenário marcado por intensas mudanças na esfera das relações e dinâmicas sociais, se fez necessário aprofundar as discussões para compreender os impactos atrelados à suspensão das aulas presenciais e analisar o modo como as mães dos estudantes do ensino fundamental conviveram com seus filhos em casa, em tempo integral, durante o isolamento social. Tal compreensão partiu do ponto de vista das mães, assim como a identificação sobre a proporção dessas vivências e dos impactos trazidos por essa nova modalidade de ensino/remoto para suas vidas.

3 OBJETIVOS

O objetivo que este trabalho propõe segue abaixo.

3.1 Objetivo geral

Compreender os fenômenos presentes na vivência das mães que acompanharam seu(s) filho(s) estudante(s) no ensino fundamental I ou II, considerando a aproximação cotidiana com a escola por meio remoto, a partir do isolamento social da pandemia de COVID-19.

3.2 Objetivo específico

Investigar os impactos vivenciados por mães a partir da experiência da escola em meio remoto, considerando a permanência do(s) seu(s) filho(s) em casa, em período integral.

4 MÉTODO

O presente estudo foi desenvolvido a partir dos pressupostos da pesquisa qualitativa, assim, buscou-se obter dados não quantificáveis, de ordem subjetiva, permeados por significados pessoais e pelas experiências dos indivíduos, que são representadas por uma perspectiva pessoal. Dessa forma, foi possível conhecer os fenômenos que se mostram com base na análise compreensiva fenomenológica, de forma exploratória.

Para a técnica de apreensão dos dados, foi utilizado o método direto, por meio de entrevistas abertas com mães que possuem filhos no ensino fundamental, com intuito de investigar suas experiências no momento da pandemia de COVID-19. Assim, foi observada a realidade de como elas se apresentaram, havendo a ausência de manipulação de variáveis.

Para Capalbo (1984) a fenomenologia apresenta-se como ciência descritiva e rigorosa, que se preocupa com a essência do vivido, nos convocando à retomada do caminho qualitativo da existência, a redescobrir o sentido global do existir. O método fenomenológico busca o que transcende as particularidades empíricas de que se investe o fenômeno, permitindo compreendê-lo.

Assim, partindo dos pressupostos filosóficos que fundamentam a fenomenologia, viu-se a possibilidade de compreender o fenômeno em que as mães vivenciaram um novo cotidiano acerca da transferência da escola para a casa. Esse novo cenário exigiu adaptações com possíveis impactos existenciais uma vez que se trata de uma experiência concreta, vivenciada por ela, em seu mundo. Por assim pensar, elegeu-se a fenomenologia como metodologia e pesquisa, já que é uma experiência existencial na qual os pressupostos da fenomenologia podem auxiliar a descrever, explicitar e compreender os aspectos essenciais do fenômeno da maneira como ele se mostra em si mesmo, o que se constitui no objetivo desse estudo.

Para a participação no estudo foram convidadas 3 (três) mães de crianças que possuem filhos cursando o ensino fundamental I e II em escola privada. A escolha pela escola privada se justifica pelo fato desta ter se adaptado de forma mais rápida, eficiente e contínua na modalidade *online*.

O método escolhido para o acesso às participantes da pesquisa é descrito na literatura como Bola de Neve. Para Becker (1993), bola de neve é um método que não se utiliza de um sistema de referência, mas sim de uma rede de amizade a partir de membros existentes. Esse tipo de método, conhecido como cadeia de referência, baseia-se na indicação de um ou

mais indivíduos. O processo se deu através de uma mãe selecionada, Thayse que foi representada como semente, e a partir desta, foram indicadas outras duas mães: Danielle e Gabrielle.

A execução da amostragem em bola de neve se constrói da seguinte maneira: para o pontapé inicial, lança-se mão de documentos e/ou informantes-chaves, nomeados como sementes, a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral. Isso acontece porque uma amostra probabilística inicial é impossível ou impraticável, e assim as sementes ajudam o pesquisador a iniciar seus contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado. Em seguida, solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente e, dessa forma, o quadro de amostragem pode crescer a cada entrevista, caso seja do interesse do pesquisador. Eventualmente o quadro de amostragem torna-se saturado, ou seja, não há novos nomes oferecidos ou os nomes encontrados não trazem informações novas ao quadro de análise (VINUTO, 2014, p.103)

A semente desse estudo foi escolhida por ser conhecida de uma das pesquisadoras, além de fazer parte do convívio social desta, sendo ela, mãe com um filho no ensino fundamental, no 9º ano em uma escola particular. Desse modo, seguiu todos os critérios de inclusão para a participação da pesquisa. Tendo em vista que a semente está inserida na população-alvo, Thayse indicou outros indivíduos para a entrevista.

Becker (1993) menciona que o método pode ser útil para pesquisar grupos difíceis de serem acessados ou estudados, bem como quando não há precisão sobre sua quantidade. Além disso, esse tipo específico é útil para estudar questões delicadas, de âmbito privado e, portanto, que requer o conhecimento das pessoas pertencentes ao grupo ou reconhecidos por estas para localizar informantes para estudo.

A pesquisa de campo qualitativa respeitou a resolução 466/2012 no que se refere às questões éticas e proteção dos participantes, mantendo o respeito à sua dignidade e autonomia, assegurando sua vontade de contribuir expressa por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (ANEXO A), comprometendo-se com o máximo de benefícios e mínimo de riscos, que são descritos no Termo.

Tendo em vista o objetivo geral da pesquisa, e considerando que se trata de uma investigação fenomenológica, foram definidos os seguintes critérios de inclusão: ser mãe, biológica ou de adoção, ter acima de 18 anos, ter uma ou mais crianças cursando o ensino fundamental I ou II em escola da rede privada. Ter vivenciando junto com seu(s) filho(s) as aulas remotas durante o período de isolamento social e possuir recursos tecnológicos para assinar o TCLE e conceder uma entrevista que foi realizada virtualmente e de forma sincronizada. Portanto, as mães convidadas para participar da pesquisa, atenderam aos critérios acima.

O contato com a mãe determinada como semente, ocorreu por meio de ligação telefônica para solicitar a cooperação no estudo. Nesta ocasião foi realizada uma sucinta apresentação da pesquisa, ocorrendo, posteriormente, o aceite da participação, e a explicação detalhada sobre a obrigatoriedade da assinatura do TCLE, que foi lido em voz alta e apresentado por escrito, através de documentos digitais encaminhados por *WhatsApp*. Após o recebimento do termo com o aceite das participantes, foi agendado uma data e horário para realização das entrevistas fenomenológicas por meio *online*.

Segundo AmatuZZi (2006), a entrevista do tipo fenomenológica tem início a partir de uma questão norteadora que orienta o processo de coleta, ou seja, uma questão disparadora da entrevista, estritamente implicada com o objetivo da pesquisa. O pesquisador/entrevistador, encoraja o entrevistado a refletir sobre sua experiência e detalhá-la o máximo possível. Para tal, no decorrer do relato, destaca-se a atenção ao conteúdo relatado por parte do pesquisador/entrevistador, direcionando a entrevista ao conteúdo buscado e para elucidar possíveis pontos obscuros durante a narrativa. Espera-se o relato detalhado por parte do entrevistado de forma espontânea, possibilitando o acesso primeiro às experiências e percepções do sujeito. Sendo assim, evidencia-se não somente a liberdade da manifestação deste tipo de conteúdo subjetivo na entrevista, mas a própria intenção de que assim seja para que se garanta o acesso fenomenológico pretendido.

Foram realizadas as entrevistas individuais, em meio *online*, pela plataforma digital *Google Meet*, pois, essa plataforma foi possível proporcionar a privacidade e integridade das mães entrevistadas, considerando que utilização de um ambiente virtual criptografado, ou seja, possuindo certificado digital de acordo com normas técnicas estabelecidas, em que foi garantindo que apenas as duas pontas de comunicação (pesquisadoras e mães) possuíssem acesso as conversas. Todos esses cuidados visaram atender as medidas de distanciamento social, os aspectos éticos que envolvem o sigilo profissional do psicólogo e a Resolução CFP nº 04/2020 que orienta psicólogas e psicólogos de todo o Brasil acerca da atuação *online* diante do cenário de pandemia de COVID-19.

Foram feitos os contatos com as mães por via *WhatsApp* e enviado o TCLE para que pudesse ser lido e assinado digitalmente. Após a confirmação das assinaturas, foi enviado um link do encontro virtual pela plataforma *Google Meet*, para dar início as entrevistas.

Desta forma as entrevistas foram realizadas individualmente, áudio-gravadas e sua condução se iniciou a partir da seguinte questão norteadora: “Como tem sido sua experiência de estar com seu filho em casa no período em que ele habitualmente estaria na escola?”. Esta

pergunta iniciou o diálogo e a partir dela se deram outros questionamentos, no sentido de aprofundar as vivências por meio de perguntas abertas, visando ampliar os detalhes relatados, abertos às possibilidades que possam suscitar durante a entrevista fenomenológica.

As entrevistas foram gravadas com a permissão das mães, e transcritas na íntegra posteriormente, visando maior fidedignidade possível.

Em consonância com a proposta metodológica, não houve determinação quanto a raça, estado civil e nível socioeconômico.

Após a realização das entrevistas, foram realizadas a análise compreensiva e interpretativa dos significados emergidos dos discursos. Para isso o trabalho foi fundamentado no método fenomenológico, que seguiram quatro passos sugeridos por Giorgi e Sousa (2010) sendo:

- a. Leitura ampla do material em totalidade e buscar familiarizar-se com a narração do fenômeno vivido pelo sujeito.
- b. Releitura do material de forma cautelosa visando compreender as peculiaridades do fenômeno pesquisado transformando a linguagem cotidiana em linguagem psicológica e a forma como se deu a interação entrevistador e entrevistado, pois a entrevista no método fenomenológico é um encontro onde ambos são influenciados pelo fenômeno e esses dados são relevantes na compreensão da vivência.
- c. Submeter os resultados significativos a uma análise criteriosa buscando convergências e divergências dos fenômenos buscando identificar informações singulares e relevantes para o fenômeno estudado e o diferir de outros também singulares, mas considerados importantes.
- d. Por meio da sintetização das unidades e significados e integração dos insights chega-se à estrutura do fenômeno e sua essência, construindo os temas ou categorias de análise. O que se procura é a compreensão dos fenômenos, que é um momento de vários questionamentos, assim, outras análises podem ser pertinentes.

4.1 Procedimento de análise de dados

Por meio das entrevistas buscou-se compreender a vivência das mães, para posteriormente analisar os dados resultantes da pesquisa, que serão apresentados inicialmente apontando a forma como as entrevistas ocorreram desde o primeiro contato das autoras com as

mães, utilizando para isso os dados que foram colhidos e desenvolvidos a partir do diário de campo.

Na sequência serão apresentadas as unidades de significados seguidas de suas sínteses compreensivas e, posteriormente, a discussão dos dados evidenciados nas entrevistas correlacionados com a literatura fenomenológica.

4.2 Participantes

Participaram desta pesquisa três mães, com idade acima de 41 anos, com filho(a) ou filhos(as) no ensino fundamental I ou II, matriculados(as) em escolas particulares. Duas das mães se consideram da religião evangélica e uma espírita. Duas delas são casadas, e uma divorciada. As profissões exercidas pelas participantes são professora não atuante, auxiliar administrativo e comerciante. Todas participantes aceitaram e demonstraram interesse em contribuir com a pesquisa. As entrevistas com as participantes ocorreram em uma média de 40 minutos cada.

No quadro abaixo está descrito as características das mães e filhos que participaram da pesquisa.

Quadro 1 – Quadro de descrição dos participantes

NOME	IDADE DAS MÃES	NÚMERO DE FILHOS	IDADE DOS FILHOS	ANO ESCOLAR	RELIGIÃO	ESTADO CIVIL	PROFISSÃO
Gabrielle	47	1	9	4º ano	Espírita	Casada	Professora
Danielle	47	2	12 e 9	6º ano e 4º ano	Evangélica	Casada	Auxiliar Administrativo
Thayse	41	2	8 e 11	3º ano e 5º ano	Evangélica	Divorciada	Comerciante

Fonte: autoria própria

4.3 Uma aproximação das entrevistas

As três mães participantes desta pesquisa tiveram suas identidades preservadas, bem como a de seus filhos, portanto foram atribuídos nomes fictícios para denominá-las, descritos na tabela acima.

As participantes receberam o convite da entrevista por meio de ligação telefônica e todas se mostraram receptivas e disponíveis para contribuir desde o primeiro contato. Elas

deram a resposta positiva de imediato para participar e o ajuste de melhor horário para o encontro foi realizado com facilidade e brevidade.

Os encontros *online* envolveram o uso de meios tecnológicos para comunicação à distância e foram agendados com 3 (três) dias de antecedência, sendo em dia e horário previamente combinados com as pesquisadoras e as participantes, cada uma em sua respectiva data. A entrevista foi realizada por meio de vídeo chamada e foram seguidas as orientações de estar em local privado, sem que houvesse circulação de pessoas para evitar interrupções.

As autoras buscaram garantir boas condições de imagem e de som no ambiente, fizeram uso de fones de ouvidos e de microfones que auxiliaram na qualidade das chamadas, clareza, na manutenção do sigilo e na confidencialidade das informações.

No que se refere ao uso da tecnologia, não ocorreu nenhuma intercorrência e ou problema técnico que mereça destaque, entretanto na entrevista com a mãe Danielle, logo no início, ela informou que a internet estava oscilando e que poderia ocorrer de não ouvir a pergunta e que, caso precisasse, perguntaria novamente, no entanto a entrevista transcorreu sem intercorrências, destacando que o volume do microfone e o tom de voz desta participante foi o mais baixo quando comparado com as demais e foi necessário pedir que ela repetisse a resposta em algumas situações.

Quanto à preferência de data e local para a entrevista, a participante Gabrielle preferiu realizar a entrevista de casa, no final de semana, e no período da tarde. A entrevista transcorreu sem interferência.

A participante Danielle preferiu realizar a entrevista durante a semana no período da manhã antes de iniciar o expediente de trabalho, e não ocorreu nenhuma interferência.

Já a participante Thayse, teve preferência de ser entrevistada no período da manhã, no seu horário de trabalho. Durante a entrevista, foi necessária uma breve interrupção para que a participante pudesse receber um material de sua empresa, no entanto, isso não prejudicou o andamento da entrevista.

Quanto ao clima e atmosfera em que as entrevistas se deram, destaca-se que as entrevistas de Thayse e Danielle ocorreram em um clima tranquilo e acolhedor. Já durante a entrevista de Gabrielle, a mãe relatava suas vivências com uma fala melancólica e emocionada durante a entrevista.

Importante destacar que depois da entrevista a participante Thayse enviou um áudio para uma das autoras, mencionando que havia esquecido de falar algo importante e que gostaria que fosse falado na sua entrevista, se fosse possível.

“Além de tudo isso que aconteceu no período escolar, essa dificuldade toda, além disso, com as crianças ficando em casa, a gente passou a comer mais, a gente eu falo as crianças, passaram a comer mais porque estavam dentro de casa. Não sei se comentei, que eu sou divorciada e as crianças moram comigo. E que a pensão das crianças, foi negociada no meu divórcio, é a mensalidade escolar, eu não tenho dinheiro em mãos, o que o pai paga de pensão, combinado, é a mensalidade escolar. Ou seja, além deles comerem mais, me darem mais gastos, a pensão era escola, e eu não tinha a escola para contar, eu vi uma dificuldade maior ainda nesse sentido, uma coisa que se tornou pior ainda nesse momento, porque eu tive mais gasto, com a dificuldade, e o que o pai paga como pensão é a escola, e eu não tive a escola para contar, para mim foi muito difícil” (Thayse).

Os três encontros realizados possibilitaram as autoras acompanhar e compreender o fenômeno a ser estudado em seu modo genuíno, permitindo que as mães entrevistadas adentrassem suas vivências, e, por meio da fala, desvelassem o próprio modo de existir.

5 RESULTADOS: VIVÊNCIAS DAS MÃES QUE ACOMPANHARAM SEUS FILHOS NO ENSINO REMOTO DURANTE A PANDEMIA

Através da narrativa colhida por meio das entrevistas realizadas com as três mães de estudantes no ensino fundamental em meio remoto durante o isolamento social, foi possível compreender os significados singulares envolvidos em cada discurso e analisar o impacto existencial que emergiu dos depoimentos.

Este tipo de entrevista possibilitou que as autoras acompanhassem e compreendessem o fenômeno a ser estudado em seu modo genuíno, permitindo que as entrevistadas entrassem em um contato mais direto e analítico de suas vivências por meio da fala e desvelassem o próprio modo de existir.

Objetivou-se realizar um diálogo entre a literatura fenomenológica e os relatos das participantes buscando se desprender da realidade cotidiana ao entendimento do fenômeno estudado, ou seja, do modo pela qual essas mães foram impactadas existencialmente em decorrência do ensino em meio remoto durante a pandemia.

Foram identificadas unidades de significado no discurso de cada participante e essas foram agrupadas em quatro categorias seguindo da síntese compreensiva:

- 1) A escola em casa: Adaptações e mudanças;
- 2) O novo papel das mães;
- 3) Os sentimentos envolvidos;
- 4) Os impactos existenciais.

5.1 A escola em casa: adaptações e mudança

Dentro da realidade da pandemia, as mães se depararam com uma nova forma de lidar com a família, em especial, com os filhos e a casa. Foi necessária uma reorganização da rotina e do espaço físico, adaptações como o horário de acordar, a organização dos filhos em cada cômodo para estudar à distância e a improvisação no espaço de trabalho, para onde os filhos foram deslocados, substituindo a escola. As mães identificaram uma mudança física e psicológica, de modo que o cuidado pessoal, como fazer a unha ou depilação foram deixados de lado por falta de tempo. Além disso, a mudança psicológica afetou as mães nesse período.

“[...] Foi um pouco difícil, mas procurei viver a realidade, eu abri mão, larguei algumas coisas, não dava para fazer a unha. Com certeza alguma coisa eu fui deixando, não depilei, não deu tempo de lavar a louça” (Thayse).

“[...] O marido ficava no nosso quarto, o filho no quarto dele, a Luiza ficava no quarto dela e a Julia na cozinha comigo” (Danielle).

“[...] Nenhuma. Porque eu fico em casa vinte e quatro horas por dia com a minha filha, sabe. Então não teve mudança assim, não teve nenhuma mudança” (Gabrielle).

“[...] Então eu acho que esse o lado psicológico da gente, esse foi um outro lado que a gente teve que se reinventar, se readaptar, se reformular, se reinventar, foi uma busca muito intensa, um conflito grande” (Danielle).

“[...] A preocupação de ter só as duas meninas em casa foi muito grande então decidimos que elas iam presencial. Mas com aquela preocupação do contágio, isso foi uma questão que tivemos que enfrentar. Foi conversado com elas, entre a gente, fazer o kit de higiene, todas as recomendações na hora que sai de casa, na hora que chega da escola, tira máscara no carro, sapato na porta e todas as instruções. Foi o preço e conversamos. Quer presencial vai ter o preço, vai ter regras, vai mudar rotina, então foi tudo combinado. Chegou, vai direto pra lavanderia, tira tudo banho, sem mexer em nada, sem encostar em nada. Readaptação de hábitos que tivemos que embutir para ter uma vida normal na volta as aulas. Mas agora é como se essa rotina nova já fizesse parte” (Danielle).

5.2 O novo papel da mãe

A partir do momento que a escola foi para a casa a partir da modalidade remota, as mães tiveram que exercer um novo papel dentro dos seus lares: o de professora. Duas participantes (Gabrielle e Danielle) não encontraram dificuldades para auxiliar seus filhos nas aulas remotas, pois ambas eram formadas em pedagogia, e apenas tiveram que se atualizar e reaprender conteúdos esquecidos.

Já a participante (Thayse) não pode exercer esse novo papel como as outras duas mães. Thayse vivenciou momentos de muita angústia e sofrimento com o ensino remoto, pelo fato de não ter tempo e apresentar dificuldades para ensinar seus filhos. Essas situações possibilitaram à Thayse o reconhecimento de seus limites existenciais, lançando-se na condição de seu próprio ser.

“[...] Até que em determinado momento, parece que a gente ia enlouquecer de um tanto, porque eu não sei as matérias, eu não tinha um tempo disponíveis pra estudar. E eles falavam assim “a mãe do fulano, ela ajuda, porque ela fica em casa”. Eu falava “você não tem a mãe do fulano, sua mãe trabalha”, então a gente vai viver em cima da nossa realidade” (Thayse).

“[...] Quando eu me dei conta que não era tarefa, que era lição nova, que tudo era novo e que eu que tinha que fazer o papel da professora eu tive que pesquisar, estudar a didática atual de como ensinar ela porque o que eu estava vendo... o ensino mudou totalmente, não é o mesmo jeito, a maneira de se ensinar não foi da forma que eu ensinei, apesar que o resultado igual, mais a maneira diferente. Então eu tive que estudar para saber como dar aula para ela para ela poder entender” (Danielle).

“[...] Para mim foi muito bom, sabe, ter esse contato, é, ser mãe ao mesmo tempo professora, porque a gente acaba se envolvendo né, nessa questão, eu acho que pra mim também eu tive outro fator que me ajudou muito por eu ser professora né, então assim, me ajudou muito, eu nem me coloquei no lugar de outras mães, sabe, pra ver o quão difícil foi pra elas, né, porque nem todo mundo tem essa oportunidade de ter uma mãe professora né, então eu acho que é, pra mim, poder estar em casa com a Adriana, não é nenhum sacrifício, sabe, porque, eu quero, é, protege-la, né” (Gabrielle).

5.3 Os sentimentos envolvidos

A partir da análise da unidade de significado que aborda os sentimentos revelados através do discurso das mães entrevistadas foi possível observar que, num primeiro momento, as mães buscaram lidar com a nova situação considerando que seria algo rápido e passageiro, no entanto, conforme a nova configuração foi perdurando elas vivenciaram um sentimento de angústia recorrente observado a partir das marcas discursivas ao relatarem a proposta de viver um dia de cada vez para não sofrer. Mencionaram, ainda, o medo de enlouquecer, de não saber o que fazer, o desejo de que esse momento acabe e o esgotamento psicológico vivenciados pela sobrecarga e o estresse em decorrência do excesso de atividades.

Observou-se o sentimento de solidão permeando a vivência dessas mães quando mencionam o desejo de chorar por se sentir chateada e sozinha no mundo com os filhos, a falta de apoio e o desejo de enfrentar sozinha o próprio conflito ao invés de envolver mais uma pessoa na ansiedade que estava sendo vivenciada.

As marcas discursivas apontam a presença do medo permeando a vivência dessas mães em decorrência da pandemia, ao mencionar o desejo de proteção dos filhos, o pânico de sair na rua e contrair a doença e infectar seus familiares ou a vontade de acompanhar a dedicação dos filhos em modo *online*. A mãe que não tinha a obrigação com trabalho decidiu sair de casa somente em último caso. Em contrapartida, a obrigação de trabalhar como meio de sustento do lar, exigiu de outras mães, a manutenção da rotina de trabalho mesmo com a preocupação em ter contato com muitas pessoas e colocar a própria família em risco.

Além do medo de contrair ou infectar os familiares, destaca-se o medo revelado pelas mães de não dar conta de atender às novas demandas exigidas, evidenciadas pelas marcas discursivas quando mencionam a necessidade de ter que trabalhar e ajudar os filhos. Além disso, destaca-se também a percepção de que teria que ensinar o filho, como um elemento de conflito, a necessidade de ter que cumprir a obrigação fora, e ainda ser mãe e esposa como uma sobrecarga, levando a percepção de que não estava dando conta de todos os papéis.

“[...] No primeiro instante era como se a minha filha tivesse tarefa para serem feitas em casa, então passei um período exigindo que ela fizesse o trabalho que a professora tinha dado para ela mas quando eu me dei conta que eu que tinha que ensinar ela aí eu entrei em conflito” (Danielle).

“[...] Foi muito pesado e foi muito puxado para nós duas. No segundo semestre a gente não via a hora de acabar” (Gabrielle).

“[...] Eles ficavam com a minha mãe, mas ela tem muito medo, ela não quis mais ficar e eu me senti muito sozinha e muito perdida porque não era só o momento da escola, era todo o momento. Tinha que trabalhar e ajudar eles. Teve dias que eu simplesmente sentei e chorei porque não sabia o que fazer” (Thayse).

“[...] Não estou fazendo isso porque eu sou uma mãe que não está nem aí, eu tentei até onde eu consegui. Se você quiser eu te mostro, eu filmo, eu te mostro como é. Eu não tenho um apoio” (Thayse).

“[...] Foi um período de esgotamento psicológico ter que cumprir a minha obrigação fora, ser mãe e esposa. Foi um período de muita sobrecarga você chegar no ponto de achar que não está dando conta” (Danielle).

“[...] estar em casa com a Adriana não é nenhum sacrifício porque eu quero protegê-la” (Gabrielle).

5.4 Os impactos existenciais

A categoria que aponta os impactos existenciais para as mães entrevistadas mostra que, dado o ineditismo e a singularidade da vivência, essas mães foram convidadas a vivenciar e refletir sobre determinados aspectos de um lugar não ocupado anteriormente em outros momentos e contextos e puderam ressignificar os próprios sentidos, a forma como veem o mundo, a si e ao outro.

A pandemia proporcionou transformações na rotina e no existir dessas mães. Estas transformações foram evidenciadas por elas ao mencionarem a impossibilidade de ver o mundo sem as crianças em sua relação direta com o espaço escolar, a insegurança de ter exposto a filha à internet precocemente de forma compulsória, e além disso, a pandemia ainda ocasionou o

aumento da preocupação acerca suscetibilidade e da adesão às medidas de proteção da filha quanto ao vírus e o fato de a mãe não estar perto para reforçar esses cuidados.

“[...] eu nem vejo o mundo sem as crianças na escola” (Thayse).

“[...] Fico mais preocupada quando a Adriana não está perto, enquanto ela não vem para casa eu não sossego. Vem uma tristeza de não estar podendo protegê-la. Eu sei que a gente não é super mãe mas a gente tenta ser. Eu sinto minha filha desprotegida quando ela não está perto de mim” (Gabrielle).

“[...] Nós fomos obrigados a colocar nossos filhos na internet muito precoce” (Danielle).

6 DISCUSSÃO: IMPACTOS EXISTENCIAIS DA ESCOLA REMOTA

No presente estudo referente aos impactos da escola remota na vida das mães, no contexto da pandemia, foi possível compreender algumas mudanças que exigiram adaptações no âmbito familiar, no trabalho e na vida pessoal. Por meio das entrevistas e do método fenomenológico foi possível compreender o discurso de cada mãe, mostrando como essas mudanças e adaptações implicaram no seu dia-a-dia, nas relações com elas mesmas e com a família.

Observa-se pacificamente, o total desaparecimento da tradição: dos valores, da ética, das crenças. As essências se perdem e aparece a extrema valorização da aparência, tomada como realidade e que consiste nos critérios a serem seguidos. As modificações na cultura engendram mudanças do homem: o pensar sobre as coisas, os sentimentos, as atitudes (FEIJOO, 2010).

A mãe entrevistada, Thayse, revelou preocupação com a aparência no percurso da pandemia, alegando ter precisado renunciar a alguns hábitos do cuidado pessoal, que faziam parte do seu modo de vida.

“[...] Foi um pouco difícil, mas procurei viver a realidade, eu abri mão, larguei algumas coisas, não dava para fazer a unha. Com certeza alguma coisa eu fui deixando, não depilei, não deu tempo de lavar a louça” (Thayse).

Segundo Feijoo (2010), com a forte expressão da publicidade, o homem acaba se distanciando da sua singularidade, assim, sem consciência, se integrando na multidão. Com isso, aparece o limite entre estar dentro do padrão e a pressão social, além das dificuldades de manter toda a rotina, o cuidado pessoal, e ao mesmo tempo, estar consciente e assumir o modo singular do sujeito. Ou seja, manter-se no singular implica não se perder no geral, porém, sem abandoná-lo. A singularidade se fortalece no geral, mantendo a verdade objetiva e assumindo as necessidades.

Ao se dar conta da sua singularidade, dentro da sua consciência, é possível se descolar da aceitação do outro, e se voltar para seu mundo, dentro da própria essência e vivência. Com isso, as mães conseguem olhar para a própria vida e do que é possível, e a partir daí, tomar qualquer decisão e atitude. Dessa maneira, quando preso aos possíveis, acredita que para ele tudo é possibilidade, esquece-se dos seus limites, pensando que nada no mundo o detém. Reconhecer seus limites e arriscar nos possíveis constitui-se no eu em liberdade (FEIJOO, 2010).

“[...] Mas eu sei que sou uma pessoa que vou até o final, eu faço tudo, as vezes até um pouco além daquilo que eu posso, então minha consciência estava tão tranquila, de ter tentado fazer tudo aquilo que eu tinha que fazer” (Thayse).

A participante Thayse, dentro da sua vivência, se descolou das pressões sociais em relação à escola e das cobranças externas da sociedade e conseguiu se voltar para a realidade que era possível no momento. considerando seu limite, adaptando a vida de mãe que trabalha, cuida dos filhos e precisa assumir um papel de professora.

“[...] A gente montava na hora, por exemplo, às vezes não tinha espaço, aí eu colocava um lençol no meio, colocava duas caixas, pra fazer tipo uma mesinha, duas caixas de sabão, e punha o celular” (Thayse).

“[...] O marido ficava no nosso quarto, o filho no quarto dele, a Luiza ficava no quarto dela e a Julia na cozinha comigo” (Danielle).

Nessa nova realidade, as participantes precisaram adaptar o espaço físico. A Danielle, precisou reorganizar os cômodos para que os filhos estudassem em casa. A Thayse, adaptar a estrutura do espaço de trabalho, para que eles pudessem se acomodar para o estudo. Cada mãe que foi entrevistada, dentro das suas possibilidades, encontraram meios para ressignificar a sua vida em todos aspectos que fazem parte da existência humana. Heidegger utiliza a palavra existência para determinar o caráter único do ser humano de ser uma abertura para o mundo e que só se expressa como existência a partir dessa abertura (JOSGRILBERG, 2004).

Por essa perspectiva de que o ser humano é uma abertura com possibilidades, compreende-se as mudanças que foram significativas para cada indivíduo entrevistado, a partir das vivências experimentadas por cada participante. Portanto, Giovanetti (1994), expõe baseando-se no teórico Jaspers, que a existência “é um dos sinônimos da palavra realidade” (GIOVANETTI, 1994, p.47).

A realidade de cada mãe, é singular e revela a forma como cada uma delas conseguiu compreender e dar sentido à nova realidade, dentro da sua possibilidade. Foi possível observar que uma das mães enfrentou de forma diferente a pandemia, ou seja, se distanciando da realidade, sendo então reduzidas as suas possibilidades de atuação. Segundo Forghieri (2012), temporalizar consiste em experienciar o tempo, sendo esta a vivência que mais se aproxima de nosso próprio existir.

Da mesma forma, Feijoo (2010), apresenta que a essência do ser-aí vai ser conduzida pelo existir. Quando questionado os efeitos da pandemia no seu dia-a-dia ela afirma:

“[...] Nenhuma. Porque eu fico em casa vinte e quatro horas por dia com a minha filha, sabe. Então não teve mudança assim, não teve nenhuma mudança” (Gabrielle).

Foi possível observar que ela pode não ter se dado conta das mudanças e assim ela se distancia da realidade da pandemia e não considera nenhum efeito que ela tenha causado em seu cotidiano, principalmente no que se refere a relação com a própria filha por estar agora vinte e quatro horas do dia ao seu lado. A autora Forghieri (2012), aponta que, existir e transcender possuem o mesmo significado que é o de lançar-se para fora, ultrapassar a situação imediata, que também quer dizer temporalizar (FORGHIERI, 2012).

No entanto, foi possível observar que essa mesma mãe, mesmo não considerando qualquer mudança em sua vida, passou a ter atitudes extremas de proteção devido à COVID-19, como por exemplo, não sair mais de casa, se dedicar em tempo integral para a filha, e mudança nos hábitos de higiene, como lavar as mãos, tirar a roupa ao chegar em casa, trocar as máscaras, e tomar banho. Compreende-se que aquele que se perde no temporal teme o tempo, se previne de todas as formas possíveis por acreditar que, através de uma atitude de proteção extremada, poderá evitar ou adiar a sua morte (FEIJOO, 2010).

“[...] Não saio na rua, só em casos muito especial, em último caso” (Gabrielle).

Todas as participantes entrevistadas mostraram diferentes possibilidades para vivenciar o novo contexto e flexibilidade para atender as mudanças que precisaram fazer na rotina, nas relações, nos espaços físicos e no lado emocional. Há diferentes possibilidades de manejar essas adaptações, porém, agimos de acordo com o nosso modo de compreender as situações, mas nossas ações só serão eficientes se forem adequadas à realidade dos acontecimentos (FORGHIERI, 2012).

“[...] A preocupação de ter só as duas meninas em casa foi muito grande então decidimos que elas iam presencial. Mas com aquela preocupação do contágio, isso foi uma questão que tivemos que enfrentar. Foi conversado com elas, entre a gente, fazer o kit de higiene, todas as recomendações na hora que sai de casa, na hora que chega da escola, tira máscara no carro, sapato na porta e todas as instruções. Foi o preço e conversamos. Quer presencial vai ter o preço, vai ter regras, vai mudar rotina, então foi tudo combinado. Chegou, vai direto pra lavanderia, tira tudo banho, sem mexer em nada, sem encostar em nada. Readaptação de hábitos que tivemos que embutir para ter uma vida normal na volta as aulas. Mas agora é como se essa rotina nova já fizesse parte” (Danielle).

Destaca-se que a participante Thayse decidiu em determinado momento, quando a escola foi para sua casa, que ela não conseguiria trabalhar e ajudar os filhos nas aulas remotas, e abriu mão das aulas *online* e tarefas dos filhos para poder trabalhar, visto que dependia do trabalho para levar o sustendo da casa mesmo com a diretora informando que levaria o caso para o conselho tutelar.

A liberdade de escolher é tanto maior quanto mais ampla for a abertura do ser humano à percepção e compreensão de sua vivência no mundo. Essa abertura requer, também, que a compreensão esteja de acordo com a realidade; a compreensão deve ser verdadeira para que a escolha não venha a ser apenas uma quimera, ou ilusão. Por tanto, na liberdade de escolha está contida, também, a questão de verdade. Ao escolher, contamos apenas com a nossa abertura à compreensão de nossa vivência e à de nossos semelhantes, que nos colocam diante de possibilidades, exigindo de nós responsabilidade para assumir o risco da imprevisibilidade das consequências de nossa decisão (FORGHIERI, 2012, p. 47-48).

“[...] A partir de hoje ninguém faz mais tarefa, ninguém faz mais nada. Ou eu trabalho, ou eu sou professora, não tem jeito. E eles pararam de fazer, geral, 100%, ficaram bom tempo sem fazer nada, *online*, tarefa nada. A diretora me falou que tinha me denunciado para o conselho tutelar porque não podia ficar sem fazer nada e eu tentei explicar a minha situação” (Thayse).

Quando a escola passou para a modalidade remota ficou evidenciado que as 3 (três) mães entrevistadas tiveram que exercer um novo papel em casa: o de professora. Duas delas (Gabrielle e Danielle) tiveram certa facilidade por serem pedagogas, a outra mãe, Thayse foi a que revelou ter tido mais dificuldade em conciliar o trabalho já exercido com o papel de professora.

“[...] Quando eu me dei conta que não era tarefa, que era lição nova, que tudo era novo e que eu que tinha que fazer o papel da professora eu tive que pesquisar, estudar a didática atual de como ensinar ela porque o que eu estava vendo... o ensino mudou totalmente, não é o mesmo jeito, a maneira de se ensinar não foi da forma que eu ensinei, apesar que o resultado igual, mais a maneira diferente. Então eu tive que estudar para saber como dar aula para ela para ela poder entender” (Danielle).

“[...] Eu acho que pra mim eu tive um fator que me ajudou muito por eu ser professora” (Gabielle).

“[...] Eu tinha que ficar pesquisando no *Google* coisas da escola para poder ensinar as coisas porque eu não lembro mais” (Thayse).

Trzan-Ávila (2019) menciona que o ser-aí traz consigo, em sua mobilidade estrutural originária, um movimento de entrega ao horizonte histórico de possibilidades, não tem natureza prévia, não possui propriedades universais previamente estabelecidas; ele é pura existência jogada e só pode ser compreendido em sua chave do singular. Ser singular é ser

existencialmente único, não comparável, o que está em jogo não é o que se faz, mas como se faz. No entanto, mesmo as pessoas consideradas diferentes das demais não podem se considerar fora da influência do impessoal (TRZAN-ÁVILA, 2019).

Destaca-se que para uma das mães estar com a filha em casa no período em que habitualmente estaria na escola, foi um momento de conexão e gratificação pelo fato de ser mãe e professora ao mesmo tempo, já que essa mãe em questão se envolveu nesse novo papel. Para ela, poder estar com a filha em casa em aulas remotas, trouxe gratificação, sensação de segurança e maior possibilidade de proteção para com a filha na pandemia do COVID-19.

“[...] Para mim foi muito bom, sabe, ter esse contato, é, ser mãe ao mesmo tempo professora, porque a gente acaba se envolvendo né, nessa questão, eu acho que pra mim também eu tive outro fator que me ajudou muito por eu ser professora né, então assim, me ajudou muito, eu nem me coloquei no lugar de outras mães, sabe, pra ver o quão difícil foi pra elas, né, porque nem todo mundo tem essa oportunidade de ter uma mãe professora né, então eu acho que é, pra mim, poder estar em casa com a Adriana, não é nenhum sacrifício, sabe, porque, eu quero, é, protege-la, né. Eu tô achando bacana, até, pra mim, (risos) estou aprendendo também né” (Gabrielle).

Trzan-Ávila (2019) menciona que decadência é a fuga de si mesmo, fuga da estranheza, é um “não estar em casa”, é uma absorção no mundo, uma busca pela conquista da familiaridade. É um movimento onde o que é descoberto é descerrado e ao mesmo tempo encoberto, velado, dissimulado e cerrado (TRZAN-ÁVILA, 2019).

Essa mesma mãe menciona que após a proximidade e os novos hábitos de proteção exigidos pela pandemia ela fica preocupada quando a filha não está perto e que enquanto ela não vem para casa a preocupação permanece.

“[...] Quando ela está longe vem uma tristeza de não estar podendo protege-la” (Gabrielle).

Trzan-Ávila (2019) aponta que quando os responsáveis se colocam empenhados com o bem estar da criança de modo a realizar tudo por ela, a criança se exime da responsabilidade perante suas obrigações, seus afazeres e de si mesmo enquanto indivíduo autônomo, perdendo a possibilidade do autocuidado. Temos um outro tipo de cuidado que libera o outro para o poder-ser que ele é, neste caso o ser-aí da criança se torna transparente para si mesmo, o que a encaminha para um modo de ser mais próprio. Fortalecer relações de cuidado

libertador, auxiliar que o outro se torne livre e transparente para si e torne-se o cuidado que ele é. (TRZAN-ÁVILA, 2019).

As entrevistas desvelaram que o processo vivenciado na pandemia em decorrência da escola em casa foi diferente para cada mãe, demonstrando a subjetividade e singularidade envolvidas na temática, no entanto, foi possível identificar sentimentos comuns que permearam ambos os casos analisados em diferentes momentos e contextos tais como: a angústia, o desamparo e a culpa.

Diante da vivência relatada pelas mães que acompanharam os estudos de seus filhos em meio remoto durante a pandemia, duas das entrevistadas relatam que logo ao início do processo, quando as aulas foram interrompidas e passaram a ocorrer no formato *online*, foi experimentado algo que denominaram como “um sentimento de nervoso” e “conflito” o que pode ser compreendido como a tonalidade afetiva de angustia e, inicialmente, elas relatam ter tentado “escapar” deste sentimento pensando que seria breve e passageiro.

“[...] No primeiro momento era novo, me senti bem, não sabia que ia demorar tanto, foi tranquilo para mim, a gente foi tentando fazer. Depois eu acho que fiquei sobrecarregada, era um sentimento de nervoso” (Thayse).

“[...] No primeiro instante era como se a minha filha tivesse tarefa para serem feitas em casa, então passei um período exigindo que ela fizesse o trabalho que a professora tinha dado para ela, mas quando eu me dei conta que eu que tinha que ensinar ela aí eu entrei em conflito” (Danielle).

Segundo Feijoo (2011), tendemos a restringir aquilo que temos medo e nessa restrição passamos a acreditar que retendo aquilo que nos ameaça poderemos nos proteger dessa eminência. O que fazemos é escapar do desamparo em que sempre nos encontramos. As tentativas de superar a instabilidade falha, e assim, a situação de obscurecimento abre espaço para as tonalidades afetivas mobilizarem aquilo que é mais próprio da existência humana, o seu caráter de indeterminação, o poder-ser.

Segundo Camon (1985), a angústia nos traz presente a condição humana e é diferente do medo, pois é um sentimento que amedronta diante do “nada” existencial, ela é a expressão do nada. É o reconhecimento de que as coisas têm o significado que lhe damos.

A mãe Thayse comentou ter tentado algumas alternativas visando conseguir adaptar-se às novas necessidades de trabalho e educação remota dos filhos, mas nenhuma das estratégias empregadas funcionava.

“[...] Às vezes eu estava explicando algo e o cliente chegava e se eu não desse atenção para o meu trabalho, do que a gente vive? Tinha dia que eu chorava, entrava em pânico e outro eu falava vocês só vão vir, sentem ali quietinho e assistindo *You Tube* que eu preciso trabalhar porque não consigo” (Thayse).

Feijoo (2011), afirma que a angústia aponta para o caráter de indeterminação da existência, consiste no “nada” que abre o “possível” caracterizando a situação de liberdade. Ela surge frente ao real estabelecido e ao possível, havendo total indeterminação de agir, proporcionando que com o nada da existência, surja o sentido.

“[...] A hora que eu vi que não dava mais eu falei “eu não vou enlouquecer” (Thayse).

Frente as tentativas de adaptação sem sucesso em relação à nova demanda, a mãe Thayse estabeleceu um novo sentido para a vivência pessoal, ao decidir que os filhos não fariam mais nenhuma atividade *online*.

“[...] Eles pararam de fazer, ficaram um bom tempo sem fazer nada *online*, tarefa, nada. Não estou fazendo isso porque eu sou uma mãe que não está nem aí, eu tentei até onde eu consegui. Se você quiser eu te mostro, eu filmo, eu te mostro como é. Eu não tenho um apoio” (Thayse).

No relato das três mães ficou evidenciado o medo e a preocupação com a própria infecção pelo coronavírus, a possibilidade do vírus atingir familiares e a incerteza quanto à capacidade para exercer todos os papéis exigidos elevando sentimentos de solidão e desamparo.

“[...] Eu tinha muito medo, tinha pânico de sair na rua, eu não saio, só em último caso” (Gabrielle).

“[...] Eu acho que o medo era maior, sabe? O medo de pegar essa doença” (Danielle).

“[...] A preocupação do início era ter contato com muitas pessoas e colocar minha família em risco pois todos estavam em casa e eu tendo que trabalhar” (Danielle).

“[...] Eu ficava preocupada com o trabalho em saber se ela estava assistindo a aula on line com a câmera ligada e todos os protocolos que a escola exigia” (Danielle).

Para Fernandes (2011) o homem não possui uma essência a priori, responsável por conferir-lhe um sentido ou por definir a sua existência. Podemos afirmar que o ser humano é

pura indeterminação e diante dessa condição de indeterminação, de existência vivenciada como limite, o dasein sente medo e angústia.

Foi possível identificar que uma das mães participantes da entrevista mencionou estar vivenciando o momento de transição sozinha e sem a possibilidade de contar com apoio de familiares, enquanto a outra mãe optou por conter em si os conflitos vivenciados.

“[...] Teve alguns momentos que eu fiquei muito chateada, que eu me senti sozinha no mundo com eles” (Thayse).

“[...] Não estou fazendo isso porque eu sou uma mãe que não está nem aí, eu tentei até onde eu consegui. Se você quiser eu te mostro, eu filmo, eu te mostro como é. Eu não tenho um apoio” (Thayse).

“[...] Eu prefiro ficar com o conflito do que colocar mais uma pessoa dentro da minha ansiedade ou da minha preocupação” (Danielle).

Para Ferreira (2002) apesar de o homem se fazer no mundo e a partir do mundo, a sua solidão consiste em que quando ele tem que efetivar-se como ser-no-mundo que ele é, ele não pode contar com o mundo, mas apenas consigo, já que somente ele pode realizar o seu ser. A solidão que a angústia provoca no homem ao mostrar que a realização de seu ser depende só dele, rompe com a impropriedade do ser-aí fático e lhe oferece a apropriação da intimidade de seu ser. A solidão, enquanto uma propriedade da angústia, singulariza o homem, mostra-lhe a singularidade de sua existência e em seguida deixa-o novamente entregue à sua facticidade, ao estar-lançado na cotidianidade. A necessidade de ser do homem e o sentimento de angústia e de solidão dela resultante representam a ameaça constante que persegue o homem, enquanto ele está estruturado pelo existencial da disposição.

No que se refere ao sentimento de culpa, a mãe Thayse optou por interromper os estudos *online* dos filhos. Apontou situações em que o sentimento ficou evidenciado, embora ela não o tenha mencionado: quando seus filhos a comparavam com a mãe dos outros colegas que estavam dando o apoio que os filhos necessitavam e na interpelação da diretoria da escola quando tomou a decisão de parar. Em um dos seus relatos ela menciona ter revisitado suas posturas e se considerar de consciência tranquila.

“[...] Eles falavam assim: a mãe do fulano, ela ajuda, porque ela fica em casa. Eu falava: você não tem a mãe do fulano, sua mãe trabalha, então a gente vai viver em cima da nossa realidade” (Thayse).

“[...] Mas eu sei que sou uma pessoa que vou até o final, eu faço tudo, as vezes até um pouco além daquilo que eu posso, então minha consciência estava tão tranquila, de ter tentado fazer tudo aquilo que eu tinha que fazer” (Thayse).

Para Farias (2015), a culpa é o sentimento de dor que acomete o indivíduo que se vê em débito diante de uma lei estabelecida impessoalmente, é a dor de não corresponder a um dever ser posto das determinações do mundo. No entanto, o homem moderno é total, racional, individual e autônomo, pode deliberar acerca de tudo que considera correto pela sua vontade, transitando, controlando e posicionando o mundo independente do que ele venha a se mostrar (2015).

A pandemia proporcionou transformações na rotina e no existir dessas mães evidenciadas ao mencionarem a impossibilidade de ver o mundo sem as crianças estarem na escola, a insegurança de ter exposto a filha à internet precocemente de forma compulsória e aumentou a preocupação de ter a filha desprotegida e mais suscetível a contrair o vírus por não adotar as medidas de proteção e a mãe não estar perto para reforçar esses cuidados.

“[...] Eu nem vejo o mundo sem as crianças na escola” (Thayse).

“[...] Fico mais preocupada quando a Ane não está perto, enquanto ela não vem para casa eu não sossego. Vem uma tristeza de não estar podendo protegê-la. Eu sei que a gente não é super mãe, mas a gente tenta ser. Eu sinto minha filha desprotegida quando ela não está perto de mim” (Gabrielle).

“[...] Nós fomos obrigados a colocar nossos filhos na internet muito precoce” (Danielle).

Para Magliano (2019), os fenômenos se dão na medida em que já temos certa apreensão tácita do mundo e já temos certas concepções que nos guiam na vida e no relacionamento com os entes em geral, o que não significa um conhecimento integral. Considerando o homem um poder-ser, os caracteres existenciais devem ser pensados em caráter de abertura em sua condição originária de liberdade estando, o homem, sempre aberto a transformações.

Ferreira (2011), afirma que lançado no mundo, junto do mundo, imerso na impropriedade do cotidiano, o homem tem a sensação de que tudo está em ordem, sob controle, que ele comanda a sua vida e o entorno dela. Mas no instante em que surge a angústia, o homem é retirado dessa suposta tranquilidade e é atirado frente à sua condição de ser lançado e abandonado no mundo, de um ente que tem sempre que realizar o seu ser.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de um cenário global pandêmico, em meio às inseguranças, as escolas tiveram que buscar recursos tecnológicos e aderir abruptamente ao sistema remoto de ensino, oportunizando assim, a continuidade do ensino através das aulas em casa.

Entre essas mudanças houveram transformações no âmbito familiar, os filhos passaram a precisar de um local específico em casa que permitisse a concentração para realizar os estudos. Foi necessário disponibilizar recursos tecnológicos visando o acesso regular e estável de internet e foi preciso contar com a ajuda de um membro da família para o acesso às aulas, para a compreensão das tarefas e para a explicação das matérias.

Com isso as mães tiveram que assumir involuntariamente mais uma tarefa na sua rotina: dar suporte escolar para seu(s) filho(s) nas atividades escolares, ou seja, o papel que antes era exercido pela professora na sala de aula passou a ser demandado das mães, em casa. As mães envolvidas no trabalho puderam ressignificar a forma de enxergar o ensino, seus conceitos, valores e o papel exercido pela escola e professores no seu cotidiano e no aprendizado dos filhos. Isso ficou evidenciado ao relatarem que não conseguem imaginar com pensar um mundo sem a escola. Observou-se que, embora todas tenham vivenciado situações semelhantes, cada uma delas experimentou esse fenômeno de maneira única e singular e a partir disso cada uma pôde dar um novo significado à nova realidade apresentada usando diferentes formas de manejo para adaptar-se. Elas puderam vivenciar e refletir sobre determinados aspectos de um lugar não ocupado anteriormente podendo então rever seus pontos de vista, valores e a formas de experimentar o mundo

A pesquisa oportunizou um ambiente acolhedor de escuta à essas mães que relataram ter vivenciados um momento angustiante sozinhas e até o momento da entrevista foi possível observar que elas não haviam parado e olhado para si para refletir sobre os impactos da pandemia no seu modo de ser em função do novo contexto de ter o(s) seu(s) filho(s) em casa.

Através da fala das mães foi possível observar também que os professores, os filhos, a escola e os pais ou cuidadores também foram impactados. Neste sentido é possível observar que há um vasto campo para pesquisas e reflexões visando aprofundar essa temática em futuros trabalhos.

REFERÊNCIAS

- AMATUZZI, Mauro Martins. Pesquisa fenomenológica em psicologia e problemas éticos. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS E V ENCONTRO DE FENOMENOLOGIA E ANÁLISE DO EXISTIR*, 3., 2006, São Bernardo do Campo-SP. **Anais de SIPEQ e EFAE [S.L.]**: SEPQ, 2006., v. 1, p.15-21. Disponível em: https://itgt.com.br/wp-content/uploads/2018/02/Texto-3-Amatuzzi_Pesquisa-fenomenol%C3%B3gica-em-Psicologia.pdf. Acesso em: 11 fev. 2022.
- ARRUDA, Eucídio Pimenta. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **Em Rede - Revista de Educação a Distância**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020. Disponível em: <https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/621>. Acesso em: 14 mar. 2021.
- AZEVEDO, Kayanne Linhares *et al.* O ciclo das emoções: relato de experiência distanciamento social com crianças e suas famílias. In: NEGREIROS, Fausto; FERREIRA, Breno de Oliveira (org.). **Onde está a psicologia escolar no meio da pandemia?** São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. cap. 14. p. 371-397.
- BECKER, Howard Saul. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1993.
- BEE, Helen. **O Ciclo Vital**. Porto Alegre: Jones & Bartlett, 1997.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Sobre a doença**. 2021. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>. Acesso em: 14 Mar. 2021
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Sobre a doença**. 2021a. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>. Acesso em: 14 mar. 2021.
- BRASIL. **Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, [2021c]. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=9394&ano=1996&ato=3f5o3Y61UMJpWT25a>. Acesso em: 14 abr. 2021
- CAMON, Valdemar Augusto Angerami. **Psicoterapia existencial: noções básicas**. Série Psicoterapias Alternativas. São Paulo: Traço Editora, 1985.
- CAPALBO, Creusa. Alternativas metodológicas de pesquisa. *In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM ENFERMAGEM*, 3., 1984, Florianópolis-SC. **Anais de SNPE**, Florianópolis: Ed UFSC, 1984, v.1, p.130-157. Disponível em: <https://www.worldcat.org/title/alternativas-metodologicas-de-pesquisa/oclc/69770838>. Acesso em: 14 mar. 2021.
- FARIA, Bernardo Rocha. **Situações Clínicas I: Análise Fenomenológica de discursos clínicos**. 1. ed. [S.l.]: Ifen, 2015.
- FERNANDES, Marcos Aurélio. Do cuidado da fenomenologia à fenomenologia do cuidado. In: PEIXOTO, Adão José; HOLANDA, Adriano Furtado. **Fenomenologia do cuidado e do cuidar: perspectivas multidisciplinares**. Curitiba: Juruá, 2011. FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas**. São Paulo: Pioneira, 2011.

FERREIRA, Acylene Maria Cabral. Culpa e angústia em Heidegger. **Cogito**, Salvador, v. 4, p.75-79, 2002. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792002000100012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 12 out. 2021.

FERREIRA, Breno de Oliveira. **Onde está a psicologia escolar no meio da pandemia?** 1. ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. **A Escuta e a Fala Psicoterapia: Uma Proposta Fenomenológico-Existencial**. Rio de Janeiro: IFEN, 2010.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. **A existência para além do sujeito: a crise da subjetividade moderna e suas repercussões para a possibilidade de uma clínica psicológica com fundamentos fenomenológicos-existenciais**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2011.

FIORIN, Pascale Chechi. **Representações da Mulher Contemporânea: saúde, maternidade, trabalho**. 2012. 106 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012. Disponível em:

<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/10314/FIORIN%2c%20PASCALE%20CHECHI.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 22 set. 2021.

FIRMAN, Josiane Aparecida de Araújo; SANTANA, Sylvia Caroline Russi; RAMOS, Marcos Lupércio. A importância da família junto à escola no aprendizado formal das crianças.

Colloquium Humanarum, Presidente Prudente, v.12, n.3, p.123-133, 2015. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-21172020000100301&lang=pt Acesso em: 14 mar. 2021.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia Fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Qual a origem desse novo coronavírus?**, 2020.

Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/pergunta/qual-origem-desse-novo-coronavirus>.

Acesso em: 14 mar. 2021.

GIORGI, Amadeo; SOUZA, Daniel. **Método fenomenológico de investigação em pesquisa**. Lisboa: Fim de Século, 2010.

GIOVANETTI, José Paulo. O impacto das ideias humanistas, fenomenológicas e existencialistas na psicoterapia. *In*: ENCONTRO MINEIRO DE PSICOLOGIA

HUMANISTA, 2., 1994, Belo Horizonte-MG. **Anais de EMPH**, Belo Horizonte: Grupo Mineiro de Psicologia Humanista, 1994, v. 1, p. 23-26. Disponível em:

<https://www.worldcat.org/title/alternativas-metodologicas-de-pesquisa/oclc/69770838> .

Acesso em: 14 mar. 2021

GRISOTTI, Marcia. Pandemia de Covid-19: agenda de pesquisas em contextos de incertezas e contribuições das ciências sociais. **Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2,

p.1-7, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312020000200301&lng=pt. Acesso em: 14 de mar. 2021

GUIZZO, Bianca Salazar; MARCELLO, Fabiana de Amorim; MULLER, Fernanda. A reinvenção do cotidiano em tempos de pandemia. **Educ. Pesquisa**, São Paulo, v. 46, e238077,

p. 1-17, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022020000100402&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 24 de abr. de 2021.

JOSGRILBERG, Rui de Souza. A fenomenologia como novo paradigma de uma ciência do existir. In: CASTRO, D.D.P. (Org). **A fenomenologia do cuidar**: práticas dos horizontes vividos nas áreas da saúde, educacional e organizacional. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo. SOBRAPHE, 2004.

LINO, Tayane Rogeria, Preconceito e discriminação: empecilhos à construção da cidadania no espaço escolar. **Revista Urutágua**, Maringá, v. 27, s/n, p. 132-146, 2013. Disponível em: <http://web.a.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=1&sid=19bfb8b1-0de4-4fc4-b7fe-b2b9342b6a30%40sdc-v-sessmgr02>. Acesso em: 14 mar. 2021.p. 137.

LOCH, Rayane Monique Bernardes; TORRES, Kelly Beatriz Vieira; COSTA, Carolina Reciate. Mulher, esposa e mãe na ciência e tecnologia. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 1, p. 1-11, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/wsmDtkBwsTk8JRST5xvpQsL/?lang=pt>. Acesso em: 22 set. 2021.

LOPES, Manuela Nunes; DELLAZZANA-ZANON, Letícia Lovato; BOECKEL, Mariana Gonçalves. A multiplicidade de papéis da mulher contemporânea e a maternidade tardia. **Temas em psicologia**, Ribeirão Preto, v. 22, n. 4, p. 917-928, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2014000400018&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 26 out. 2021.

MAGLIANO, Fernando da Rocha. **Meditação e Clínica**: Uma aproximação entre Filosofia e Clínica. 1. ed. [S.l.: s.n.], 2019.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar**: o que é? Por que? Como fazer? 1. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

MONTEIRO, Renata Alves de Paula; CASTRO, Lúcia Rabello de. A concepção de cidadania como conjunto de direitos e sua implicação para a cidadania de crianças e jovens. **Revista psicologia política**, São Paulo, v. 8, n. 16, p. 271-284, 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2008000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 24 abr. 2021.

MORAES, Carolina Martins *et al.* Aprendizagem e ensino remoto emergencial no contexto da pandemia da covid-19: O que famílias do Piauí têm revelado. In: NEGREIROS, Fausto; FERREIRA, Breno de Oliveira (org.). **Onde está a psicologia escolar no meio da pandemia?** São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. cap. 11. p. 287-327.

OLIVEIRA, Ana Raquel de; *et al.* A educação e saúde mental em tempos de pandemia da covid-19: projeto neurolive. In: NEGREIROS, Fausto; FERREIRA, Breno de Oliveira. (org.). **Onde está a psicologia escolar no meio da pandemia?** São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. cap. 22. p.556-579.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Folha informativa sobre a COVID-19**. 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 14 Mar. 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Global Research on coronavirus disease (COVID-19)**. 2021. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/global-research-on-novel-coronavirus-2019-ncov>. Acesso em: 14 Mar 2021.

SILVA, Denise de Carvalho *et al.* Desafios na educação em tempos de pandemia: contribuições da psicologia escolar. In: NEGREIROS, F.; FERREIRA, B. de O. (org.). **Onde**

está a psicologia escolar no meio da pandemia? São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. cap. 19. p.492-517.

SILVA, Iolete Ribeiro da. Psicologia escolar e eventos emergenciais: resistência e luta por uma educação socialmente referenciada. In: NEGREIROS, Fausto; FERREIRA, Breno de Oliveira (org.). **Onde está a psicologia escolar no meio da pandemia?** São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. prefácio. p. 22-29.

SOARES, Juliana dos Santos; CARVALHO, Alysson Massote. Mulher e Mãe, "novos papéis", Velhas Exigências: experiência de psicoterapia breve grupal. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, num. esp., p. 39-44, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/4QTgF5GP7hJsJMBbWc9ZNpG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 set. 2021.

TEIXEIRA, Maria Cristina. **Educação para a cidadania, fundamento do estado democrático de direito**. 2016. 168 f. Tese (Doutorado em Direito). Programa de Estudos Pós-Graduados em Direito, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Puc-Sp, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/19832/2/Maria%20Cristina%20Teixeira.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2021.

TRZAN-ÁVILA, Alexandre. **Identidade de gênero: Performatividade, ser-aí e subversões**, 2019. Ed. Rio de Janeiro: IFEN, 2019.

UNESCO. **Educação: da interrupção à recuperação**. 2021. Disponível em: <https://pt.unesco.org/covid19/educationresponse>. Acesso em: 14 mar. 2021.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p.203-220, 2014. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/tematicas/article/view/2144/1637>. Acesso em: 14 Mar. 2021.

VITTORAZZI, Dayvisson Luis; SILVA, Alcina Maria Tezta Braz da Silva. As representações do ensino de ciências de um grupo de professores do ensino fundamental: implicações na formação científica para a cidadania. **Revista Ensaio**, Belo Horizonte, v.22, e14769, p. 1-22, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-21172020000100301&lang=pt Acesso em: 14 mar. 2021.

ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

Você está sendo convidada como voluntária a participar da pesquisa: Vivências de mães de estudantes no ensino fundamental em meio remoto, durante o isolamento social da pandemia COVID-19: uma análise compreensiva dos impactos existenciais.

A JUSTIFICATIVA, OS OBJETIVOS E OS PROCEDIMENTOS: O motivo que nos leva a estudar vivências de mães e as implicações da “escola em casa” é a hipótese que com essa reconfiguração imediata, recaiu sobre os pais e/ou responsáveis a necessidade de um maior acompanhamento e interação frente a nova rotina de estudos do(s) seu(s) filho(s) e exigiu adaptações na rotina familiar, visto que os estudantes passaram a “ficar em casa” em período integral.

A pesquisa se justifica por aprofundar as discussões para conhecermos os impactos advindos, atrelados à suspensão das aulas presenciais, analisando o modo como as mães dos estudantes do ensino fundamental passaram a conviver com os filhos em casa em tempo integral e verificar qual foi a proporção dessas alterações e os impactos existenciais trazidos por essa nova modalidade de ensino remoto para sua vida.

O objetivo desse projeto é investigar como as mães foram impactadas existencialmente depois que a escola de seu(s) filho(s) passou a ser em casa devido ao isolamento social da pandemia do COVID-19 e desvelar como cada participante significa suas vivências diante desse novo contexto.

Você será convidada para contribuir com uma única entrevista, que será realizada via *Google Meet*, sem tempo prévio pré-determinado, mas que não ultrapassará a duração de uma hora e trinta minutos.

Após recebermos via *WhatsApp* ou e-mail (da forma que você preferir), esse TCLE, preenchido digitalmente e consentido, faremos novo contato com você para agendamento da sua entrevista *online*.

Assim que estivermos com o TCLE em mãos, assinado, faremos novo contato com você para agendamento da sua entrevista *online*. Se você permitir as entrevistas serão gravadas, para evitar qualquer distorção das informações fornecidas por você. Dessa maneira, posteriormente à entrevista, é possível transcrevê-la na íntegra para então realizarmos a análise compreensiva dos conteúdos da mesma.

DESCONFORTOS E RISCOS E BENEFÍCIOS: Os riscos em participar da pesquisa são mínimos. Durante a entrevista ou depois dela, pode ocorrer algum desconforto emocional e psicológico em virtude dos conteúdos acessados e abordados, pois, você será convidada a falar espontaneamente e enquanto fala poderá refletir sobre sua experiência e isso pode suscitar conteúdos e sentimentos até então desconhecidos por você. Os benefícios potenciais do estudo implicam em bem social, pois, ao compreendermos os impactos existenciais atravessados no cenário COVID-19/escola remota, podemos colaborar com esse debate e os resultados do nosso estudo pode servir como orientação e fundamentação para novas pesquisas.

FORMA DE ACOMPANHAMENTO E ASSISTÊNCIA: Caso você apresente algum problema psicológico em decorrência dos conteúdos abordados durante a entrevista, será prestado a você assistência psicológica imediata, através de acolhimento psicológico realizado por nós, alunas, e supervisionado pela professora orientadora dessa pesquisa, sem ônus de qualquer espécie.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO, LIBERDADE DE RECUSA E GARANTIA DE SIGILO: Você será esclarecida sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Iremos tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa serão enviados para você e permanecerão confidenciais. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificada em nenhuma publicação que possa resultar desse estudo. Uma cópia desse termo de consentimento livre e esclarecido será arquivada no Curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá e outra será fornecida a você.

CUSTOS DA PARTICIPAÇÃO, RESSARCIMENTO E INDENIZAÇÃO POR EVENTUAIS DANOS: A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional. Você terá direito a reclamar indenização, isto é, solicitar a reparação de um possível dano relacionado à sua participação nesta pesquisa.

Informamos que para resolução de eventuais problemas ou qualquer notificação de anormalidades na pesquisa o COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA pode ser contatado pelo telefone (16) 3603 6624 ou pelo e-mail cepbm@baraodemaua.br

DECLARAÇÃO DA PARTICIPANTE OU DO RESPONSÁVEL PELA

PARTICIPANTE: Eu, _____ fui informada dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e motivar minha decisão se assim o desejar. A professora orientadora Martha Ethel Steytler, através das alunas que realizam este estudo, me certificou de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais. Também sei que caso existam gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa. Em caso de dúvidas poderei chamar as estudantes Aline Guerra Delmonaco (16) 99265-8796, Karina Borges (16) 99223-6703 e Tatiane de Lima Sales (16) 99109-4172 ou a professora orientadora Martha Ethel Steytler (16) 98234-8000.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Nome	Assinatura/Aceite do Participante	Data
Nome	Assinatura do Pesquisador	Data
Nome	Assinatura da Testemunha	Data

ANEXO B - Termo de Compromisso do Pesquisador



TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Eu, Prof^a Dr^a Martha Ethel Steytler, portadora do CPF: 218357528-02, pesquisadora responsável pelo projeto de pesquisa intitulado, "VIVÊNCIAS DE MÃES DE ESTUDANTES NO ENSINO FUNDAMENTAL EM MEIO REMOTO, DURANTE O ISOLAMENTO SOCIAL DA PANDEMIA COVID-19: UMA ANÁLISE COMPREENSIVA DOS IMPACTOS EXISTENCIAIS" comprometo-me a utilizar todos os dados coletados, unicamente, para o projeto acima mencionado, bem como:

- ✓ Garantir que a pesquisa só será iniciada após a avaliação e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Universitário Barão de Mauá, respeitando assim, os preceitos éticos e legais exigidos pelas Resoluções vigentes em especial a 466/12 e a 510/16, do Conselho Nacional de Saúde;
- ✓ Apresentar dados para o CEP ou para a CONEP a qualquer momento, inclusive uma cópia dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido assinados pelos participantes, caso sejam solicitados;
- ✓ Preservar o sigilo e a privacidade dos participantes cujos dados serão coletados e estudados;
- ✓ Assegurar que os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para a execução do projeto de pesquisa em questão e não serão utilizados para outras pesquisas sem o devido consentimento dos voluntários;
- ✓ Assegurar que os resultados da pesquisa somente serão divulgados de forma anônima;
- ✓ Encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto; justificar fundamentadamente, perante o CEP ou a CONEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados;
- ✓ Elaborar e apresentar o Relatórios parciais e o Relatório final ao CEP;
- ✓ Manter os dados da pesquisa em arquivo, físico e digital, sob minha guarda e responsabilidade, por um período de 05 (cinco) anos após o término da pesquisa.
- ✓ Responsabilizo-me civil e criminalmente pela veracidade das informações declaradas acima.

UNIDADE CENTRAL
Rua Ramos de Azevedo, 423
Jd. Paulista - Ribeirão Preto/SP

UNIDADE ITABARÉ
Rua Itararé, 94 - Jd. Paulista
Ribeirão Preto/SP

UNIDADE ITATIAIA
Av. Batáias, 1176 - Jd. Sumaré
Ribeirão Preto/SP

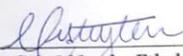
UNIDADE INDEPENDÊNCIA
Rua José Curvelo da Silveira Jr., 110
Jd. Califórnia - Ribeirão Preto/SP

UNIDADE CARILÓ
Rua Camilo de Mattos, 226
Jd. Paulista - Ribeirão Preto/SP

0800 18 33 66

www.barao demuaua.br

Ribeirão Preto, 04 de maio de 2021.


Prof. Dr. Martha Ethel Steytler
Docente do Centro Universitário Barão de Mauá

UNIDADE CENTRAL
Rua Ramos de Azevedo, 423
Jd. Paulista - Ribeirão Preto/SP

UNIDADE ITARARÉ
Rua Itararé, 94 - Jd. Paulista
Ribeirão Preto/SP

UNIDADE ITATIAIA
Av. Itatiaia, 1176 - Jd. Sumaré
Ribeirão Preto/SP

UNIDADE INDEPENDÊNCIA
Rua José Curvelo da Silveira Jr., 110
Jd. Califórnia - Ribeirão Preto/SP

UNIDADE CAMILO
Rua Camilo de Mattos, 221
Jd. Paulista - Ribeirão Preto/SP

0800 18 35 66

www.baraodemaua.br

ANEXO C – Parecer Consubstanciado do CEP

CENTRO UNIVERSITÁRIO
BARÃO DE MAUÁ



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: VIVÊNCIAS DE MÃES DE ESTUDANTES NO ENSINO FUNDAMENTAL EM MEIO REMOTO, DURANTE O ISOLAMENTO SOCIAL DA PANDEMIA COVID-19: UMA ANÁLISE COMPREENSIVA DOS IMPACTOS EXISTENCIAIS

Pesquisador: Martha Ethel Steytler

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 46555121.3.0000.5378

Instituição Proponente: ORGANIZACAO EDUCACIONAL BARAO DE MAUA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.904.901

Apresentação do Projeto:

1 INTRODUÇÃO

Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2021a), o coronavírus é uma grande família de vírus, conhecido e encontrado em animais. Porém, em 2019, na cidade de Wuhan na China, foi identificado o vírus em pessoas, denominado SARS-CoV-2, sendo disseminado e transmitido de pessoa a pessoa, causando a doença chamada COVID-19. Essa infecção pode variar de quadros assintomáticos à quadros graves, sendo transmitido por contato próximo, por meio de objeto contaminado, toque, aperto de mão, gotículas de saliva, espirro e tosse. Atualmente, a recomendação para prevenção da doença é higienizar as mãos e também os objetos utilizados com frequência, a utilização de máscaras que cubram o nariz e a boca, e o distanciamento social.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (2020), a maioria (cerca de 80%) dos pacientes com COVID-19 podem ser assintomáticos ou oligossintomáticos (poucos sintomas), e aproximadamente 20% dos casos detectados requer atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória, dos quais aproximadamente 5% podem necessitar de suporte ventilatório.

Para a Fundação Oswaldo Cruz (2020) do ponto de vista genético, a COVID-19 faz parte de uma família de vírus conhecida, que inclui outros vírus capazes de provocar doenças no ser humano e nos animais. Pesquisadores chineses identificaram que o novo vírus é originário de morcegos, assim como a maioria dos outros coronavírus. É sabido atualmente que houve o fenômeno de

Endereço: RAMOS DE AZEVEDO		
Bairro: JARDIM PAULISTA		CEP: 14.090-180
UF: SP	Município: RIBEIRAO PRETO	
Telefone: (16)3603-6600	Fax: (16)3618-6102	E-mail: cepbm@baraodemaua.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO
BARÃO DE MAUÁ**



Continuação do Parecer: 4.904.901

“transbordamento zoonótico”, comum à maioria dos vírus, que fez com que um coronavírus que acomete morcegos sofresse uma mutação e passasse a infectar humanos. As pesquisas concluem que essa mutação foi um processo natural e não induzido pelo homem.

Para a Fundação Oswaldo Cruz (2020), o cenário global ainda é caótico e conta com a importante contribuição do conhecimento científico na busca pela imunidade através das vacinas, embora ainda estejam em fase inicial de aplicações. Os cuidados e processos em relação à doença vão mudando de acordo com a dinamicidade da origem e infecção do vírus em diferentes indivíduos e grupos. Nesse contexto atípico e incerto estão sendo criados meios de proteção dos sujeitos tais como o uso obrigatório de máscaras, a higienização das mãos e o distanciamento social.

As aulas presenciais das escolas desde a Educação Infantil à Universidades, foram suspensas e dada rapidez da paralisação, houve uma rápida alternativa para levar adiante as atividades de ensino: a educação remota passou a ser apontada como solução viável e a escola foi transferida para dentro de casa, sem considerar as condições de alunos, professores e familiares para essa mudança.

Em meio à crise, foi necessário que as escolas encontrassem um novo caminho para dar continuidade ao ensino: plataformas online, ensino remoto e, posteriormente, o modo híbrido foi adquirido por muitas instituições, se transformando na atual solução. No cenário ainda recente de inúmeras transformações em função da pandemia, as crianças foram afetadas pelo fechamento das escolas e junto com elas, cada família precisou descobrir uma nova fórmula para lidar com essa situação, que é prorrogado a mais de um ano.

1.1 A educação e cidadania

O direito à educação foi consolidado na Constituição Federal em 1988, no artigo 206, em que o ensino fica ministrado com base no princípio de igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; também a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber, além do pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas e coexistentes de instituições públicas e privadas de ensino (BRASIL, 2021b).

Da mesma forma, no artigo 208 da Constituição Federal, o dever do Estado é efetivado mediante a garantia do ensino fundamental, obrigatório e gratuito. Atualmente, a escola é essencial para a constituição do sujeito em uma sociedade, sendo ela, uma instituição social, responsável pela formação do indivíduo (BRASIL, 1998).

Segundo Teixeira (2016), a educação é necessária para o desenvolvimento e progresso do indivíduo. Desde a Idade Média, a educação tem o intuito de formar indivíduos conscientes,

Endereço: RAMOS DE AZEVEDO
Bairro: JARDIM PAULISTA **CEP:** 14.090-180
UF: SP **Município:** RIBEIRAO PRETO
Telefone: (16)3603-6600 **Fax:** (16)3618-6102 **E-mail:** cepbm@baraodemaua.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO
BARÃO DE MAUÁ**



Continuação do Parecer: 4.904.901

considerando o papel político, histórico e social. Posteriormente, na Revolução Industrial, essa visão da educação é modificada. Nessa época, considera-se a educação do indivíduo com foco na formação do trabalho, considerando-se nesse momento o desenvolvimento científico, social e tecnológico.

Esses desenvolvimentos, sendo científico e tecnológico, são questões que demandam uma maior interação das pessoas, atribuído pelo processo de globalização e consolidação da democracia, encontrada em plena evolução social humana (VITTORAZZI, 2020).

Essa evolução também é observada no âmbito educativo, que tem como perspectiva a formação e transformação social. Contudo, fazendo parte do desenvolvimento do sujeito, “um novo paradigma do conhecimento está surgindo das interfaces e das novas conexões que se formam entre saberes outrora isolados e partidos e dos encontros da subjetividade humana com o cotidiano, o social, o cultural” (MANTOAN, 2003, p.12). A educação é integrada à cidadania, a qual essa está em constante mudança conforme as mutações históricas.

Entre as atividades relacionadas à educação, inclui-se, como indicado, a cidadania que tem se desenvolvido no decorrer da História sob os aspectos histórico, político e jurídico, e é considerada como a possibilidade de intervir e participar das decisões do Estado. Como a educação, seu exercício foi ampliado com o desenvolvimento social. (TEIXEIRA, 2016, p. 12)

Direciona-se o presente estudo para o ensino fundamental, é válido destacar que nessa fase de ensino, as relações sociais e desenvolvimento da identidade são determinadas, o que reflete na cidadania. Entre várias definições encontradas de cidadania, utiliza-se nesse contexto, “sendo o conceito mais comum definido como um conjunto de direitos e deveres que os sujeitos possuem em uma sociedade. Tal concepção de cidadania está relacionada à ideia de um posicionamento jurídico-legal diante do Estado” (CASTRO; MONTEIRO, 2008, p. 274).

Na faixa etária de seis a quinze anos, as crianças passam boa parte do dia na escola, e começam a se dar conta dos papéis e competências que passam a assumir, que fazem parte da sua cultura. A criança é modelada por esse período escolar e pelo tempo que passa com a família. Nessa fase, eles são influenciados pela vizinhança, circunstância econômica, pela qualidade da relação com os pais, pelo apoio emocional, entre outros fatores (BEE, 1997).

É fundamental para as crianças aprenderem habilidades sociais e ter boas relações com os colegas. Ao mesmo tempo, precisam assumir a mudança constante que ocorrem no corpo. Nesse estágio da idade escolar, ocorre um desenvolvimento físico e cognitivo, além disso, “padrões e hábitos estabelecidos durante esse período irão afetar não apenas a experiência da adolescência, mas também a vida adulta” (BEE, 1997, p. 265).

Endereço: RAMOS DE AZEVEDO	CEP: 14.090-180
Bairro: JARDIM PAULISTA	
UF: SP	Município: RIBEIRAO PRETO
Telefone: (16)3603-6600	Fax: (16)3618-6102
	E-mail: cepbm@baraodemaua.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO
BARÃO DE MAUÁ**



Continuação do Parecer: 4.904.901

Estudos reconhecem que a escola é uma instituição de grande importância para a construção e o desenvolvimento da cidadania. A autora apresenta a escola como um espaço de construção de sujeitos sociais ativos. Ela aponta “acredita-se que é papel da escola propiciar aos indivíduos a possibilidade de serem atores, de respeito à liberdade do outro, dos direitos individuais, da defesa dos interesses sociais e dos valores culturais” (LINO, 2013, p. 137). Contudo, esses indivíduos, futuramente, exercerão a cidadania, sendo construtores ativos da sociedade. Ser cidadão compõe a experiência existencial na contemporaneidade.

Além da importância da educação para a cidadania, outro fator fundamental é a família. A interação e integração entre elas, atuam diretamente no desempenho e desenvolvimento da criança e do adolescente. Observa-se assim, que o primeiro ambiente socializador é o ambiente familiar (BEE, 1997).

A primeira instituição social é a família, como instituição socializadora. É imprescindível que no âmbito familiar ensine o conhecimento denominado formal, que são essenciais para a atuação na sociedade. Valores éticos e morais são desenvolvidos, além de outras formas de conhecimento (FIRMAN; RAMOS; SANTANA, 2015).

A escola e a família se complementam, cada uma com suas características. Considera-se uma parceria, sendo com maior ou menor grau de comprometimento, com os vários fatores que influenciam cada uma delas. Os autores supracitados afirmam: “a família é uma instituição de domínio mais reservada, voltada ao acolhimento da criança com a promoção da individualidade e pertencimento. Já a escola tem domínio coletivo dos grupos” (FIRMAN; RAMOS; SANTANA, 2015, p. 124).

Os mesmos autores relacionam o desempenho na escola com a participação da família. Há uma união entre a escola e a família, relacionando-se e formando uma interconexão entre o ambiente familiar e escolar. Ambos, com o intuito de buscar a educação formativa da criança.

Quanto mais os pais demonstram interesse pela vida escolar de seus filhos, mais a educação dos mesmos, em termos de ambiente escolar, se torna eficiente. O contrário também é verdadeiro, pois quanto maiores são as possibilidades em si de aprendizagem pela criança, maiores serão os conhecimentos que ela pode construir e, conseqüentemente, melhores e maiores serão os mecanismos de relacionamento no ambiente familiar (FIRMAN; RAMOS; SANTANA, 2020, p. 124).

Essa interação entre a escola e a família, tem como consequência bons resultados na formação para a cidadania e na manutenção da saúde existencial de crianças e adolescentes do ensino fundamental. Para garantir o direito e dever na matrícula e convivência escolar, além da Constituição Federal, é respaldado da mesma forma pela Constituição de 1996 (BRASIL, 2021c) em

Endereço: RAMOS DE AZEVEDO	CEP: 14.090-180
Bairro: JARDIM PAULISTA	
UF: SP	Município: RIBEIRAO PRETO
Telefone: (16)3603-6600	Fax: (16)3618-6102
	E-mail: cepbm@baraodemaua.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO
BARÃO DE MAUÁ**



Continuação do Parecer: 4.904.901

relação as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Contudo, para que em conjunto com a família, possibilite esse desenvolvimento do indivíduo.

1.2 Direito da criança à escola no momento de pandemia

Segundo a Constituição de 1996 (BRASIL, 2021c), estabelecida pelas Diretrizes e Bases da Educação Nacional, as crianças brasileiras devem ser matriculadas na educação básica a partir dos quatro anos de idade. Para atender essa obrigatoriedade à matrícula e garantir a frequência escolar cabe aos pais e responsáveis. O documento em vigor atualmente é um ajuste a Lei nº 9.394, que torna a oferta gratuita de educação básica obrigatória e gratuita a partir dos 4 anos de idade até os 17 anos, organizados entre a pré-escola, ensino fundamental e ensino médio.

A Constituição de 1996 (BRASIL, 2021c), também menciona que três leis federais regulamentam a obrigatoriedade de matrícula: o estatuto da criança e do adolescente (ECRIAD), a Lei de diretrizes e bases da educação (LDB) e o próprio código Penal, mencionado no artigo 246. Nesse artigo, é definido como abandono intelectual do menor de idade, deixar, sem justa causa, de prever a instrução primária de filho em idade escolar, havendo previsão de pena de detenção de 15 dias a 1 mês ou multa.

Em relação a pandemia da COVID-19, consideramos uma situação nova que envolve a educação escolar, mas que ainda não há legislação própria e nem jurisprudência que atenda às novas demandas para este momento. O ano de 2020 surpreendeu em muitos sentidos. O mundo globalizado do Século XXI, encontra-se marcado pela pandemia da COVID-19 que parou a sociedade e impôs mudanças nas rotinas alterando o modo de trabalhar, estudar, cuidar da higiene e do ambiente doméstico entre muitos outros impactos (GRISOTTI, 2020).

No Brasil em fevereiro de 2020, alguns casos de contaminação já haviam sido registrados. Na segunda quinzena do mês de março, houve a recomendação do Ministério da Saúde (BRASIL, 2021a) pela suspensão das aulas, bem como de diversas outras atividades, e, junto, a indicação explícita de distanciamento social.

O cenário escolar torna-se um espaço com alto grau de risco de transmissão da doença, por ser um ambiente onde há uma intensidade de relações e contato humano. Nesta perspectiva, professores e estudantes se tornam os principais vetores de transmissão da COVID-19, diante disso as políticas mundiais de retorno às atividades coletivas têm deixado as escolas em último plano, conforme dados da UNESCO (2020).

O distanciamento social, considerado como meio de proteção que busca a redução da velocidade de disseminação do vírus, alterou a rotina e os laços sociais dos indivíduos, sobretudo no âmbito

Endereço: RAMOS DE AZEVEDO	CEP: 14.090-180
Bairro: JARDIM PAULISTA	
UF: SP	Município: RIBEIRAO PRETO
Telefone: (16)3603-6600	Fax: (16)3618-6102
	E-mail: cepbm@baraodemaua.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO
BARÃO DE MAUÁ**



Continuação do Parecer: 4.904.901

escolar visto que desde o mês de março de 2020 foram adotadas medidas sanitárias de distanciamento social que impactaram diretamente os processos escolares e fecharam escolas e universidades (GRISOTTI, 2020).

A Fundação Oswaldo Cruz (2020), menciona que embora atinja toda a população e esteja disseminado entre as distintas classes sociais, a pandemia não as afeta da mesma forma, pois, a desigualdade social amplia os prejuízos e sofrimentos provocados pela pandemia afetando a possibilidade de acesso à saúde, ao trabalho, à alimentação, habitação, educação e tecnologia.

Na medida em que as escolas passaram a figurar como lugar de risco sanitário, o ensino remoto ganhou centralidade no debate sobre as alternativas para a continuidade da escolarização durante a vigência das medidas de distanciamento social. No entanto, o ensino remoto exige a participação de mães, pais e responsáveis na mediação do uso das tecnologias da informação e da comunicação, sobretudo nas séries iniciais (SILVA, 2021).

Para Arruda (2020) as atividades escolares presenciais foram substituídas aos poucos por atividades virtuais e mais tarde adotou-se o ensino híbrido em diversas escolas. Essas medidas, entretanto, não promoveram o acesso a escolarização de qualidade durante a pandemia com equidade. A desigualdade social excluiu diversas crianças, adolescentes e jovens do acesso às alternativas ofertadas por algumas escolas e que exigem equipamentos, acesso à internet banda larga, espaço para estudo em casa, experiência com as tecnologias de informação e comunicação (TICs). Dessa forma, dependendo da região do país, do local de moradia, da classe social, a chance de continuidade dos estudos ou da manutenção do vínculo com as atividades escolares foi comprometida.

Grisotti (2020), aponta que ainda não podemos prever quando e se a pandemia irá passar, mas sabemos que os processos educacionais estão sendo repensados, exigindo ampliar o debate democrático e participativo. Da mesma forma, também ampliar os investimentos na educação sob pena de que excluirmos um grande contingente de crianças e adolescentes da possibilidade de desenvolver e aprender.

Apesar de ser configurado como um problema sanitário mundial, o contexto educacional vivencia uma crise, onde passa por um processo de reconfiguração de papéis diante a sociedade. Ou seja, o bloqueio do acesso à escola reconfigurou a sociedade, na medida em que tempos e movimentos foram desconstruídos, famílias passaram a combinarem as responsabilidades do trabalho e da vida dos estudantes em tempos ampliados (ARRUDA, 2020).

1.3 A reinvenção da escola no contexto da pandemia

Endereço: RAMOS DE AZEVEDO	CEP: 14.090-180
Bairro: JARDIM PAULISTA	
UF: SP	Município: RIBEIRAO PRETO
Telefone: (16)3603-6600	Fax: (16)3618-6102
	E-mail: cepbm@baraodemaua.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO
BARÃO DE MAUÁ**



Continuação do Parecer: 4.904.901

As instituições educacionais se tornaram um dos espaços mais vulneráveis ao risco de transmissão da COVID-19, para evitar o contágio e a propagação da doença, as escolas foram fechadas. Em função disto, o sistema educacional, teve que buscar alternativas para se adaptar à nova realidade. No entanto, a atividade remota emergencial por meio do avanço tecnológico e de seus múltiplos recursos, tem sido considerada uma alternativa para atenuar os impactos (OLIVEIRA et al., 2021).

Em virtude da pandemia da COVID-19, a escola precisou se reinventar em um novo formato de ensino, a maioria passou a realizar as aulas por meio de uma plataforma on-line, assim como os atendimentos às famílias. Nos primeiros meses de isolamento social (março/abril, 2020) quando as aulas foram suspensas, os professores tiveram que utilizar de diferentes materiais e métodos de gravações para disponibilizar as tarefas para os familiares darem continuidade as atividades escolares em casa para seus filhos (AZEVEDO et al., 2021).

A tecnologia digital trouxe alternativas para suprir as aulas presenciais diante do cenário caótico da pandemia da COVID-19, assim o ensino remoto constitui a possibilidade na educação a ser mediada pelos recursos de multimeios de ensinar e aprender, em que possibilitou a continuidade das aulas (GUIZZO; MARCELLO; MULLER, 2020).

O ensino remoto apresenta como uma possibilidade para aliviar os efeitos da pandemia na educação, é uma ferramenta tecnológica que os professores podem usar como um viés de aprendizagem a distância que permite uma metodologia de ensino inovador. Garante aos estudantes o acesso por meios de login e senha, em plataformas virtuais de ensino, como: Zoom, Meet, Teams e outros meios sociais, onde os professores podem compartilhar os conteúdos escolares e organizar as aulas com mais facilidade (SILVA et al., 2021). Silva et al. (2021), ressalta que ensino remoto não é o mesmo que o presencial, o EAD é uma metodologia onde o professor está presente e interagindo com os alunos, entretanto, apresenta algumas dificuldades e desafios que acabam causando um enfraquecimento no aprendizado do aluno.

Segundo Moraes et al. (2021) "Diante deste contexto pandêmico, inúmeras famílias precisaram adaptar abruptamente suas casas e seu cotidiano a fim de proporcionar um melhor ambiente de ensino para seus filhos". Ou seja, foi necessário inúmeras mudanças no ambiente familiar devido a essa adaptação.

Com novo modelo de estudo a distância os familiares passaram a ter uma relação de professor com seus filhos, tiveram que reaprender conteúdos esquecidos, e aprender a lidar com ferramentas digitais, como baixar conteúdo, acessar sites de bibliotecas, filmar atividades, tirar fotografias, fazer postagens que comprovassem a realização das atividades dentre outros. Todas

Endereço: RAMOS DE AZEVEDO
Bairro: JARDIM PAULISTA **CEP:** 14.090-180
UF: SP **Município:** RIBEIRAO PRETO
Telefone: (16)3603-6600 **Fax:** (16)3618-6102 **E-mail:** cepbm@baraodemaua.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO
BARÃO DE MAUÁ**



Continuação do Parecer: 4.904.901

essas tarefas, foi preciso investir um grande tempo de seus familiares e reestruturar a rotina, em razão das crianças e adolescentes passarem a estar em casa em período integral (GUIZZO; MARCELLO; MULLER, 2020).

Dessa forma, a família como um todo sofre o desdobramento e consequências da escola remota. "Portanto, a reinvenção do cotidiano diz respeito à resistência ao passado; adaptação de novas formas de viver no presente; e aceitação da incerteza do futuro" (GUIZZO; MARCELLO; MULLER, 2020).

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo primário:

Compreender os significados atribuídos por mães às suas vivências junto a seu (s) filho (s) estudante (s) no ensino fundamental, considerando a aproximação cotidiana com a escola por meio remoto, a partir do isolamento social da pandemia da COVID-19.

Objetivo secundário:

Investigar os impactos existenciais vivenciados por mães a partir da experiência da escola em meio remoto, considerando a permanência do (s) seu (s) filho (s) em casa, em período integral.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos em participar da pesquisa são mínimos. Durante a entrevista ou depois dela, pode ocorrer algum desconforto emocional e psicológico em virtude dos conteúdos acessados e abordados, pois, a participante será convidada a falar espontaneamente e enquanto fala poderá refletir sobre sua experiência e isso pode suscitar conteúdos e sentimentos até então desconhecidos ou incômodos.

Benefícios:

Os benefícios potenciais do estudo implicam em bem social, pois, considera-se que a compreensão dos impactos existenciais atravessados por mães no cenário covid-19/escola remota, podem colaborar com debate acadêmico e social sobre esse cenário atual e desconhecido. Os resultados do estudo podem servir como orientação e fundamentação para novas pesquisas.

Endereço: RAMOS DE AZEVEDO
Bairro: JARDIM PAULISTA **CEP:** 14.090-180
UF: SP **Município:** RIBEIRAO PRETO
Telefone: (16)3603-6600 **Fax:** (16)3618-6102 **E-mail:** cepbm@baraodemaua.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO
BARÃO DE MAUÁ**



Continuação do Parecer: 4.904.901

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de um estudo que pode trazer informações e propostas importantes na área da Saúde mental que pode ajudar na construção de novos projetos de pesquisa, já que o tema é novo e com poucas informações e que podem ajudar em políticas de saúde mental.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Em conformidade com as diretrizes da CONEP

Recomendações:

Nenhuma

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Barão de Mauá - CEPBM, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 466 de 2012 e na Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1749797.pdf	25/06/2021 19:50:32		Aceito
Outros	CARTA_RESPOSTA_AS_PENDENCIA S.pdf	25/06/2021 19:49:02	Martha Ethel Steytler	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_TCC_ok_corrigido_CEP.pdf	25/06/2021 19:47:09	Martha Ethel Steytler	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_TCC_final_corrigido_CEP.docx	25/06/2021 19:46:30	Martha Ethel Steytler	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_TCC_final_corrigido_CEP.pdf	25/06/2021 19:45:30	Martha Ethel Steytler	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_assinada_TCC.pdf	07/05/2021 11:11:04	Martha Ethel Steytler	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_TCC_final.pdf	07/05/2021 09:02:20	Martha Ethel Steytler	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	TCLE_TCC_ok.pdf	07/05/2021 08:57:36	Martha Ethel Steytler	Aceito

Endereço: RAMOS DE AZEVEDO

Bairro: JARDIM PAULISTA

CEP: 14.090-180

UF: SP

Município: RIBEIRAO PRETO

Telefone: (16)3603-6600

Fax: (16)3618-6102

E-mail: cepbm@baraodemaua.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO
BARÃO DE MAUÁ**



Continuação do Parecer: 4.904.901

Ausência	TCLE_TCC_ok.pdf	07/05/2021 08:57:36	Martha Ethel Steytler	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_TCC_final.docx	07/05/2021 08:50:08	Martha Ethel Steytler	Aceito
Orçamento	Orcamento_TCC.pdf	07/05/2021 08:48:41	Martha Ethel Steytler	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_de_compromisso_TCC.pdf	07/05/2021 08:45:12	Martha Ethel Steytler	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_ProjetoTCC.pdf	07/05/2021 08:42:48	Martha Ethel Steytler	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIBEIRAO PRETO, 13 de Agosto de 2021

**Assinado por:
Cristina Endo
(Coordenador(a))**

Endereço: RAMOS DE AZEVEDO
Bairro: JARDIM PAULISTA **CEP:** 14.090-180
UF: SP **Município:** RIBEIRAO PRETO
Telefone: (16)3603-6600 **Fax:** (16)3618-6102 **E-mail:** cepbm@baraodemaua.br